



CENTRO UNIVERSITÁRIO GUAIRACÁ - UNIGUAIRACÁ
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM PROMOÇÃO DA
SAÚDE

MARIANA LUCHT CARNEIRO ABI

APLICATIVO PARA DISPOSITIVO MÓVEL “SOU MULHER”: IDENTIFICAÇÃO
DE INDÍCIOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

GUARAPUAVA
2022

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca da UniGuairacá

A148a Abi, Mariana Lucht Carneiro
Aplicativo para dispositivo móvel “Sou Mulher”: identificação de indícios de violência doméstica contra a mulher / Mariana Lucht Carneiro Abi. -- Guarapuava, PR : UniGuairacá, 2022.
98 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – UniGuairacá Centro Universitário, Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde (PPGPS), 2022.
Orientador: Deoclécio Rocco Gruppi.
Coorientador: Evani Marques Pereira.

1. Violência. 2. Mulher. 3. Aplicativo. 4. Rastreo. 5. Identificação.
I. Gruppi, Deoclécio Rocco. II. Pereira, Evani Marques. III. Título.
IV. UniGuairacá Centro Universitário.

CDD 613

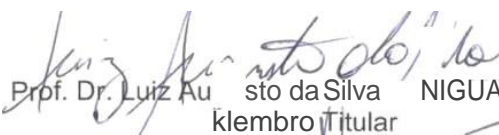
Bibliotecária responsável: Michelle C. Magalhães - CRB-9/1917



Ata de Defesa de Dissertação de Mestrado N°01/2022 - PPGPS

As dezessete horas do dia dez de fevereiro de dois mil e vinte e dois, na sala 3D (2° andar) do Centro Universitário Guairacá - UNIGUAI RACA, reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa da Dissertação do Mestrado Profissional em Promoção da Saúde, da mestranda Mariana Lucht Carneiro Abi, constituída pelo Prof. Dr. Deoclécio Romeo Gruppi (presidente/orientador), Prof. Dr. Luiz Augusto da Silva (UNIGUAI RACA), Prof. Dr. Evani Marques Pereira (UNIGUAI RACA) e a Prof. Dr. Jamile Santinello (UNICENTRO). Iniciados os trabalhos a presidência deu conhecimento aos membros da banca e a candidata, das normas que regem a defesa de dissertação e definiu-se a ordem a ser seguida pelos examinadores para arguição. A seguir, a candidata apresentou a dissertação intitulada "APLICATIVO PARA DISPOSITIVO MÓVEL "SOU MULHER": IDENTIFICAÇÃO DE INDÍCIOS VIOLACIONADA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER". Encerrada a apresentação, a candidata foi arguida oralmente pelos membros da Banca Examinadora. Após arguição e avaliação, a banca considerou o trabalho aprovado. A presidência ressaltou que a obtenção do título de Mestre Profissional em Promoção da Saúde esta condicionada ao depósito da versão definitiva da dissertação impressa e em meio eletrônico, com todas as correções feitas e atestadas pelo orientador no prazo de sessenta dias, além de obedecer ao regimento do programa. O não atendimento no prazo, anulará toda possibilidade de outorga definitiva do título, bem como o recebimento do diploma. Esta ata de Defesa deverá ser homologada pelo Colegiado do PPGPS. Nada mais havendo a tratar, eu, como presidente da sessão, dei por encerrada a sessão da defesa de dissertação do Mestrado, a presente ata foi lavrada e assinada pelos membros da Banca Examinadora. Guarapuava, dez de fevereiro de dois mil e vinte e dois.

Prof. Dr. Deoclécio Gruppi (PPGPS - UNIGUAI RACA)
Presidente (Orientador)


Prof. Dr. Luiz Augusto da Silva (UNIGUAI RACA)
Membro Titular


Prof. Dr. Jamile Santinello (UNICENTRO)
Membro Externo

Prof. Dr. Evani Marques Pereira (PPGST-UNIGUAI RACA)
Membro Suplente



CENTRO UNIVERSITÁRIO GUAIACÁ – UNIGUAIACÁ

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROMOÇÃO DA SAÚDE (PPGPS)
MESTRADO PROFISSIONAL EM PROMOÇÃO DA SAÚDE**

**APLICATIVO PARA DISPOSITIVO MÓVEL “SOU MULHER”: IDENTIFICAÇÃO DE
INDÍCIOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER**

GUARAPUAVA

2022



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROMOÇÃO DA SAÚDE (PPGPS)
MESTRADO PROFISSIONAL EM PROMOÇÃO DA SAÚDE**

MARIANA LUCHT CARNEIRO ABI

**APLICATIVO PARA DISPOSITIVO MÓVEL “SOU MULHER”: IDENTIFICAÇÃO DE
INDÍCIOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER**

Trabalho Final apresentado à Banca Examinadora Específica, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Promoção da Saúde pelo Centro Universitário Guairacá – Uniguairacá.

Orientador: Deoclécio Rocco Gruppi

Co-Orientador: Evani Marques Pereira

GUARAPUAVA

2022

MARIANA LUCHT CARNEIRO ABI

**APLICATIVO PARA DISPOSITIVO MÓVEL “SOU MULHER”: IDENTIFICAÇÃO DE
INDÍCIOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER**

MESTRADO PROFISSIONAL EM PROMOÇÃO DA SAÚDE
CENTRO UNIVERSITÁRIO GUAIRACÁ – UNIGUIRACÁ

Membros da Banca Examinadora

Professor/ Doutor /Deoclécio Rocco Gruppi / Orientador

Professora / Doutora / Evani Marques Pereira/ Co-orientadora

Professor / Doutor / Luiz Augusto da Silva

Professora / Doutora/ Jamile Santinello

GUARAPUAVA

2022

RESUMO

A violência doméstica contra a mulher apresenta-se por meio de diversas manifestações, sendo algumas visíveis - física, sexual, e outras não visíveis - psicológica, moral, patrimonial. Essas manifestações precisam ser conhecidas pelas mulheres em situação de violência, para que possam ser reconhecidas e combatidas. No entanto, são necessários meios de rastreio para identificação e orientação às mulheres em como agir frente a essa problemática assim como onde buscar atendimento.

Objetivo: Elaborar um aplicativo para dispositivo móvel de rastreio de violência doméstica contra a mulher, para contribuir no sentido de cessar as violações de direito. Para isso foram necessárias quatro etapas: Levantar bibliograficamente meios de rastreio e identificação de violência contra a mulher disponíveis na literatura; Criar uma escala para identificação de indícios de violência contra a mulher; Buscar aplicativos para dispositivos móveis voltados à mulheres que sofrem violência; e Desenvolver um aplicativo informativo que possibilite a autoidentificação de violência contra mulheres, bem como o encaminhamento aos serviços públicos. **Métodos:** trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, bibliográfica, desenvolvida a partir de revisão rápida de literatura afim de compreender o estado da arte no tocante a identificação de violência contra a mulher; verificação de aplicativos voltados a mulheres em situação de violência; criação e validação da escala para rastreio de violência contra a mulher e, por fim, desenvolvimento de aplicativo para dispositivo móvel. **Considerações finais:** O uso de ferramentas de rastreio de violência doméstica contra a mulher oportuniza subsídios para a tomada de decisão da mulher em agir frente ao reconhecimento da violência. Divulgar informações claras sobre a violência e suas manifestações visíveis e não visíveis, classificar e exemplificar cada um dos tipos de violência contribui na identificação uma situação violenta e abusiva.

PALAVRAS-CHAVE: Violência; Mulher; Aplicativo; Rastreio; Identificação; Escala.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
1.1. Justificativa.....	7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
3. OBJETIVOS.....	17
3.1. Objetivo Geral.....	17
3.2. Objetivos Específicos.....	17
4. MATERIAL E MÉTODOS.....	18
4.1. Revisão Rápida de Literatura.....	18
4.1.1 Resultados Revisão Rápida de Literatura.....	21
4.2. Busca de aplicativos voltados a mulheres em situação de violência.....	27
4.2.1 Resultado da Busca de aplicativos voltados a mulheres em situação de violência.....	32
4.3. Submissão da pesquisa ao comitê de ética.....	33
4.4. Criação da Escala de Índícios de Violência Contra a Mulher.....	33
4.4.1. Avaliação dos profissionais.....	35
4.4.2. Aplicação da Escala.....	36
4.4.2. Resultados.....	37
4.5. Desenvolvimento de Aplicativo de Dispositivo Móvel.....	45
4.5.1. Levantamento de requisitos.....	47
4.5.2. Processo de desenvolvimento do Aplicativo.....	50
4.5.2.1 Desenvolvimento.....	50
4.5.2.2 Cronograma para desenvolvimento do aplicativo.....	51
4.5.3 Telas e funcionalidades de App SouMulher.....	53
5. ADERÊNCIA.....	57
6. IMPACTO.....	57
7. APLICABILIDADE.....	58
8. INOVAÇÃO.....	58
9. COMPLEXIDADE.....	59
10. PRODUTOS ESCOLHIDOS E RESULTADOS ESPERADOS.....	59
10.1. Capítulo de Livro: Instrumentos para Identificação de Violência Contra a Mulher: Uma revisão Rápida de Literatura.....	59

10.2. Escala de Identificação de Indícios de Violência Contra a Mulher	60
10.3. Aplicativo para dispositivo móvel – SouMulher	60
11. APORTES FINAIS	60
12. REFERÊNCIAS	62
13. APÊNDICES	70
14. ANEXOS	81

1. INTRODUÇÃO

Falar sobre violência doméstica contra a mulher tem se tornado a cada dia algo mais frequente, principalmente após as criações de leis que as amparam. Porém a violência doméstica ainda está associada ao ato físico e as demais violências passam “despercebidas” até pela própria vítima. Conforme Brasil (2006), a violência pode ser apresentada por meio de ameaças, constrangimentos, humilhações, manipulações, perseguição, insultos e isolando a vítima, coibindo-a de manter relações com amigos e familiares. Estas violências por muitos anos foram consideradas aceitáveis, em detrimento do contexto histórico de supremacia masculina, e atualmente carrega-se resquícios dessa compreensão e isso pode ser percebido tanto no autor da agressão, quanto na vítima e na sociedade em geral (MAPA DA VIOLÊNCIA, 2018).

O conceito de Violência Doméstica, pode ser entendido como comportamento ou omissão que, baseada em gênero, possa resultar em danos de ordem física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral, debruçadas num contexto privado, ou seja, na unidade doméstica, a qual se configura como um espaço de convivência de indivíduos que tenham ou não laços familiares (CALLOU, 2021).

Conforme Almeida (2020), a violência não se resume a marcas físicas: pode ser psicológica, moral, patrimonial, sexual ou física. Algumas dessas violências aparecem de formas mais sutis, outras mais visíveis. Outras aparentam ser mais brandas e outras mais agressivas. A autora expõe que classificar e compreender cada um dos tipos de violência doméstica contribui na identificação da situação de violação. E conhecer sobre este assunto é de suma importância pois faz parte de um longo caminho rumo à prevenção e à erradicação da violência doméstica contra as mulheres.

É importante compreender que em alguns casos a mulher tem a percepção de que há algo errado em sua relação, mas permanece na condição por tolerar

alguns tipos de violência ou em sua maioria por não as considerar propriamente violência. Essa mulher pode não considerar que está em uma relação violenta por ter recebido uma educação baseada em estereótipos de gênero tradicionais, na qual acredita-se que o homem, como chefe da família, tem o direito de controlar seu comportamento ou mesmo tem o direito de repreendê-la, caso ela não aja conforme sua vontade (ALMEIDA, 2020).

A violência contra a mulher, como outras formas de agressão é, proveniente de uma complexa relação entre cultura, indivíduo, relacionamento, contexto e sociedade. Quando se pensa na amplitude do fenômeno da violência contra a mulher, entende-se que esse não interessa apenas à pessoa em situação de violência ou à família, interessa a toda a sociedade. Sendo assim, percebe-se a importância de trabalhar na finalidade de difundir conhecimentos sobre as violências contra as mulheres e de ser desenvolvido um instrumento que contribua na identificação destas violações, a fim de que, posteriormente, permita-se que saiam do papel de vítimas, tornando-se protagonistas de suas histórias.

Isto posto, é necessário ofertar meios de rastreio capazes de captar mulheres que sobre violência não visíveis e as orientar a buscar formas de cessar as violações. Para isso é necessário compreender quais meios são utilizados em nível nacional e internacional para identificar violências domésticas contra a mulher, sejam escalas, questionários ou protocolos que viabilizem o reconhecimento da violência para que, a partir disso, se possa compreender a estrutura de atendimento das políticas públicas às mulheres vítimas de violência e identificar em quais circunstâncias as mulheres acessam as políticas públicas.

1.1 Justificativa

A violência contra as mulheres engloba questões histórico-culturais. E atinge crianças, adolescentes e mulheres adultas, independente de cor, nacionalidade, orientação sexual ou condição social. E, é causa de mortalidade de mulheres, conforme o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2020) 4.945 mulheres perderam sua vida entre os anos de 2019 e 2020, classificados em homicídio doloso e feminicídio (BRASIL, 2020).

Partindo da experiência profissional no atendimento à mulheres em situação de violência, observa-se que majoritariamente são atendidas vítimas de agressões físicas, que acessam os serviços após a realização de Boletim de Ocorrência (B.O.), sendo que não há procura espontânea de mulheres aos serviços de atendimento. Isso revela duas situações: a primeira, que quando se pensa em violência, há uma tendência a se pensar em situações mais críticas, tende-se a pensar em violência como agressões físicas, e são justamente as violências veladas as mais difíceis de serem identificadas e reconhecidas; a segunda, é que há pouca divulgação dos serviços que atendem mulheres vítimas de violência, restringindo-se a encaminhamentos feitos por parte dos Serviços de Garantia de Direitos (VALDEZ-SANTIAGO; RUIZ-RODRIGUEZ, 2009).

Conforme Almeida (2020), a manifestação da violência psicológica, na maioria das vezes, antecede a física. Mas, este não implica que seja menos relevante, pelo contrário deveria ser a primeira a ser identificada e combatida. A mulher que passou ou passa por uma situação de agressão tende a aceitar, justificar as atitudes do agressor e não se percebe em situação de violência.

Assim, 55% das mulheres que sofreram agressão física ou sexual perceberam que sofreram violência. Boa parte das mulheres não percebem a situação que acontece no âmbito doméstico ou relacional como violência, pois ocorre no espaço privado (SCHRAIBER; D'OLIVEIRA, 1999).

Por tais razões, há necessidade de difundir informações sobre as diversas faces da violência, construir meios de divulgação das violências contra a mulher, e principalmente apontar quais serviços públicos existem para atendimento dessa problemática, a fim de atingir maior número de mulheres nessa condição. Destaca-se que no Brasil há materiais informativos voltados a mulheres em situação de violência, mas muitas vezes estes materiais são apresentados com linguagem técnica, o que o torna massante de ser lido e de difícil compreensão, e o acesso a estes é dificultoso, pois estão em livros e meios digitais que não são do uso cotidiano da maioria das mulheres. Portanto, neste trabalho é proposto um meio alternativo de difusão destes conhecimentos, por meio de um aplicativo para dispositivo móvel que poderá acessar mais mulheres.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A violência é caracterizada como um fenômeno histórico-social que se manifesta por meio de diversas faces que podem interligar-se às estruturas sociais, econômicas, políticas, culturais e comportamentais. Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência pode ser definida como uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa, um grupo ou comunidade, que resulte ou possa resultar em lesão, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação (OMS, 2002). Na definição dada pela OMS associa-se a intencionalidade com a realização do ato, independentemente de qual resultado é produzido pela ação. Algumas práticas, como a violência contra a mulher, foram considerados culturalmente aceitáveis, mas evidentemente são considerados atos violentos com importantes efeitos na saúde da vítima (DAHLBERG; KRUG, 2007).

A Assembleia Geral das Nações Unidas, na Declaração sobre a Eliminação da Violência contra as Mulheres, em 1993, enfatiza que a violência que se impõe contra uma mulher se configura numa manifestação das relações de poder construídas sócio-historicamente de forma desigual entre homens e mulheres, o que leva a um processo de discriminação e de dominação das mulheres por estes (CALLOU, 2021).

Nas últimas décadas, no Brasil, tem surgido leis que aparam e protegem mulheres em situação de violência. Dentre as principais:

- A Lei 11.340 (Lei Maria da Penha) foi sancionada em agosto de 2006 e tem o objetivo de criar mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher de forma a prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher, por meio de medidas protetivas (BRASIL, 2006).

- A Lei 12.737 (Lei Carolina Dieckmann) foi sancionada em 2012 com o intuito de definir crimes cibernéticos no Brasil (BRASIL, 2012).

- A Lei 12.845 (Lei do Minuto Seguinte) foi sancionada em 2013 e oferece algumas garantias a vítimas de violência sexual, como atendimento imediato pelo SUS, amparo médico, psicológico e social, exames preventivos e o fornecimento de informações sobre os direitos legais das vítimas (BRASIL, 2013).

- A Lei 13.104 (Lei do Feminicídio) foi sancionada em 2015. Quando uma mulher é morta em decorrência de violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação à condição de mulher, fica caracterizado o feminicídio, sendo considerado um crime hediondo em que a pena pode chegar a 30 anos de reclusão (BRASIL, 2015).

Em 2021 três leis referentes a mulheres em situação de violência foram sancionadas no Brasil:

- Lei 14.132/21 (Lei do *Stalking*) A tipificação do crime de perseguição, para configurar crime são necessários três requisitos: ameaça à integridade física ou psicológica da vítima, restrição de sua capacidade de locomoção e invasão de liberdade ou privacidade (BRASIL, 2021a).

- Lei 14.188, de 2021, que cria o programa Sinal Vermelho contra a Violência Doméstica e Familiar. E institui que violência psicológica é crime e deve ser penalizada como tal (BRASIL, 2021b).

- Lei 14.245 (Lei Mari Ferrer) prevê punição para atos contra a dignidade de vítimas de violência sexual e das testemunhas do processo durante julgamentos (BRASIL, 2021c).

Estas leis reforçam a necessidade de proteção e amparo legal que as mulheres em situação de violência doméstica denotam frente ao reconhecimento da violência.

A principal legislação que será abordada neste trabalho é a Lei Maria da Penha que define a violência contra a mulher como qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado. As violências podem ou não deixar marcas visíveis, mas tal característica não determina o grau de prejuízo ou do dano causado à vítima (BRASIL, 2006).

As manifestações da violência podem ser compreendidas em cinco expressões: a) violência física; b) violência psicológica; c) violência moral; d) violência patrimonial; e e) violência sexual (BRASIL, 2006).

- **Violência física (visual):** entendida como qualquer conduta que ofenda integridade ou saúde corporal da mulher. É praticada com uso de força física do agressor ou ainda com o uso de armas que resultem em agressões (BRASIL, 2006).

Conforme Almeida (2020) violência física é a manifestação de violência contra a mulher de maior visibilidade.

Pode ocorrer das mais variadas formas: obrigar a tomar medicamentos desnecessários ou inadequados, bloquear a passagem, dar tapas, empurrões, mordidas, chutes, socos, amarrar ou imobilizar a pessoa, torcer o braço, provocar queimaduras e cortes, estrangular, causar lesões por armas ou objetos, e até ameaçar matar a parceira (apesar de ameaças configurarem violência psicológica, geralmente ocorrem em contextos em que a violência física está presente) (ALMEIDA, 2020 p.51).

Compreende-se então que a violência física consiste na ação de agredir provocando desde pequenas lesões até traumatismo grave, levando, às vezes, até a ao óbito da vítima. Dados mostram que de 40 a 70% dos homicídios femininos, no mundo, são cometidos por parceiros íntimos (BORIN, 2007).

Quando analisada a complexidade das formas de manifestação de violência contra a mulher, tem-se que a violência física configura maior visibilidade em relação a psicológica, patrimonial e moral, tendo em vista que estas conformam-se como menos perceptíveis à primeira vista. A conjuntura atrelada à causalidade da violência doméstica perpetrada contra a mulher, tende a naturalizar, e, portanto, a invisibilizar esse fenômeno (CALLOU, 2021).

- **Violência psicológica (não-visual):** geralmente a violência psicológica é a primeira a ocorrer e perdura por todo o ciclo de violência. Ela compromete a autoestima da mulher, levando à distorção da percepção que a mulher tem da situação que está vivendo e de si. Pode ser entendida como qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima da mulher, nesse tipo de violência é muito comum a mulher ser proibida de trabalhar, estudar, sair de casa, ou viajar, falar com amigos ou parentes (BRASIL, 2006).

A violência psicológica pode ser manifestada por meio por ataques frequentes à identidade e a características físicas ou de personalidade da pessoa, com a intenção de desqualificá-la e destruir a sua autoestima. Não se refere apenas a críticas, não visam a melhoria do outro, mas sim à sua desestabilização e fragilização psicológica. As agressões podem se manifestar por meio de xingamentos, humilhações, constrangimentos, tanto em particular quanto em público. A mulher que sofre esse tipo de violência tende a se sentir inferior, e passa a se culpar pelas agressões, e a desacreditar de sua sanidade mental (ALMEIDA, 2020).

Considerando os estudos de Lucena (2016) entende-se que as mulheres em situação de violência psicológica na maioria das circunstâncias negam a situação, encobrem, escondem, não demonstram em público, ficam reclusas, restringem-se das amizades. Isso porque na maioria das vezes o parceiro se mostra uma boa pessoa para os outros ou mesmo para a mulher. Além disso, desculpas e promessas de mudança são comuns após episódios de violência. Estes fatos fazem com que algumas mulheres desconfiam da própria capacidade de perceber a situação. Essas ambivalências de percepção do outro explicam por que o ciclo da violência perdura por anos.

Além de consistir em um crime, a violência psicológica causa danos graves às mulheres expostas a essa violência, causando consequências para a saúde e o bem-estar biopsicossocial das mulheres, prejudicando a vida social, reprimindo-as e adoecendo-as psicologicamente. Ressalta-se ainda, que os danos ocasionados pela violência psicológica não se concentram só na vítima, mas estendem-se para todos os que presenciam ou convivem com a situação de violência (KOSAK, 2018).

- **Violência sexual (visual):** a violência sexual consiste em obrigar a mulher a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, manipulação, coação ou uso da força, assim como induzi-la a comercializar ou a utilizar sua sexualidade de qualquer modo. É caracterizada como qualquer conduta que constranja a mulher a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada; quando a mulher é obrigada a se prostituir, fazer aborto, impedi-la de usar métodos anticoncepcionais ou quando sofre assédio sexual, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força (BRASIL, 2006).

- **Violência patrimonial (visual/não visual):** qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de objetos pertencentes à mulher, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades físicas, emocionais e de saúde. Podem ser consideradas violência patrimonial situações nas quais o parceiro, por exemplo, se apropria da remuneração da mulher, vende um bem do casal sem repassar à parceira a parte que lhe cabe ou até destrói algum pertence da mulher, como uma roupa ou o carro (BRASIL, 2006).

- **Violência moral (não-visual):** qualquer conduta que importe em calúnia, ou seja, quando o agressor afirma falsamente que aquela praticou crime que ela não cometeu; difamação, que se configura quando o agressor atribui à mulher fatos que lhe sejam ofensivos, que prejudiquem a sua reputação. O fato de a informação difamatória ser ou não verdadeira não é relevante, mas há a intenção de ofender o outro; ou injúria, que ocorre quando se ofende a dignidade da mulher. Um xingamento direcionado à mulher pode ser um exemplo. Independentemente da sua divulgação para outras pessoas, o que conta principalmente é a percepção da mulher de ter sido ofendida (BRASIL, 2006).

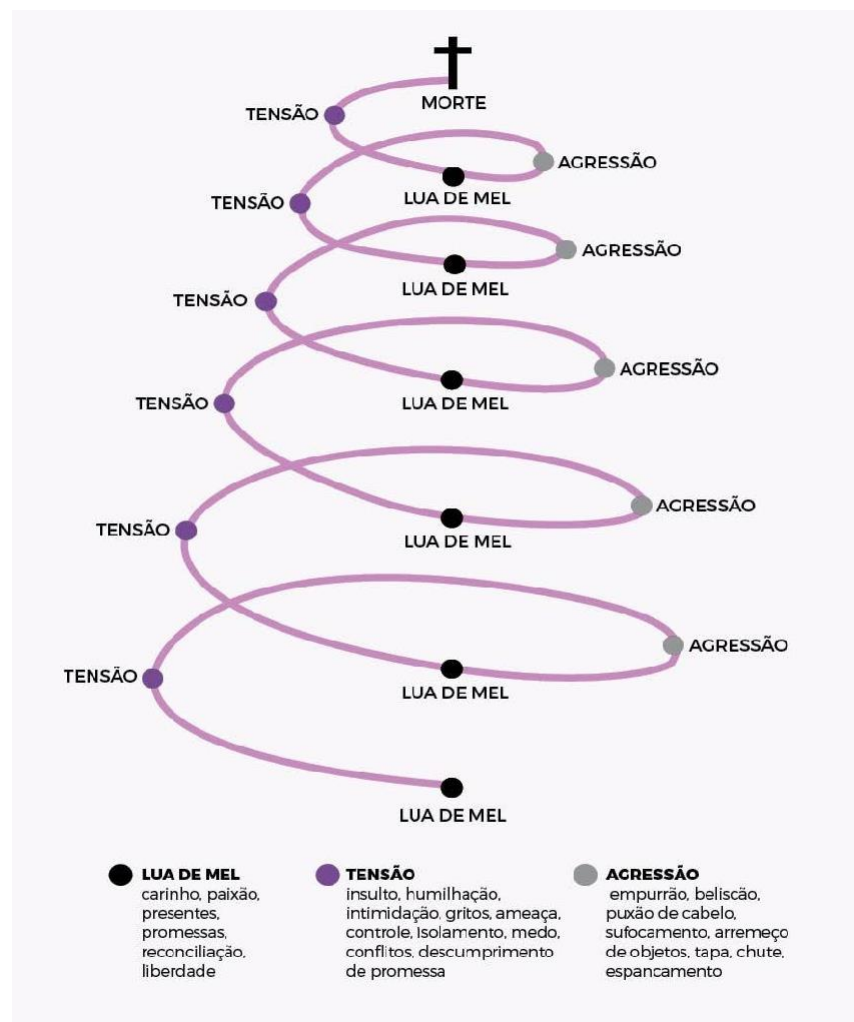
A violência contra a mulher pode, portanto, ser compreendida como uma forma de restringir sua liberdade, reprimindo-a e ofendendo-a, física ou moralmente. Em todas as situações mencionadas, há um aspecto em comum: o desejo de impor sua vontade ao outro, de dominá-lo arbitrariamente, por meio de humilhações e desvalorizações, até sua submissão. Importante expor que a própria terminologia “violência contra a mulher” foi criada por ser uma violência dirigida contra pessoa do gênero feminino, apenas em razão de ser mulher. Essa expressão denota a intimidação da mulher pelo homem, como seu agressor, dominador e disciplinador (TELES; MELO, 2017). Apesar disso, entende-se que os atos de violência contra a mulher podem ser praticados independentemente do sexo ou gênero do agressor.

A violência doméstica pode ocorrer dentro do âmbito familiar ou doméstico, entre quaisquer membros que compõe a família. As diversas manifestações da violência podem ocorrer neste âmbito, e entre os agressores possíveis estão maridos, amásios, amantes, namorados ou ex-namorados e ex-cônjuges (KOSAK, 2018).

Sabe-se que a perpetuação da violência contra a mulher se dá em razão da dinâmica relacional conhecida como Teoria Psicológica de Walker: Ciclo da Violência Doméstica Contra a Mulher, desenvolvida pela psicóloga norte-americana Lenore Walker em 1979 e tendo sua comprovação de aplicabilidade comprovada 30 anos após a publicação da teoria.

A teoria do Ciclo da Violência é compreendida por três fases relacionais: a primeira, em há um aumento gradativo da tensão, com sinais de hostilidade e ofensas verbais; a segunda, em os atos de violência física em si ocorrem; e a terceira, na qual o agressor tende a mostrar-se arrependido pelos atos das fases anteriores. As três fases repetem-se ciclicamente, porém com o passar do tempo as fases de tensão e de agressão passam a ser mais frequentes e a fase de arrependimento, cada vez mais rara e de curta duração. A repetição das fases ocorre até que a mulher consiga romper o ciclo ou que haja uma agressão fatal (ALMEIDA, 2020). Conforme demonstra a figura 1 a seguir:

Figura 1: Ciclo da violência



Fonte: A espiral da violência se divide nas fases da tensão, agressão aguda e lua de mel—Arte: Grupo ND.

Conhecer e reconhecer as fases do Ciclo da Violência Contra a Mulher é fundamental para agir no sentido de romper com a dinâmica relacional da agressão. Assim, as três fases são descritas como:

- **Fase I do Ciclo de Violência - Tensão:** refere-se a fase normalmente marcada por violência psicológica crescente: agressões verbais, crises de ciúmes, ameaças, xingamentos, humilhações e demonstrações de controle. O parceiro para a incomodar-se com o modo de se vestir, com suas amizades, e pode passar a proibi-la de sair de casa ou de trabalhar (WALKER, 2009).

- **Fase II do Ciclo de Violência - Episódio agudo:** Fase em que ocorre a agressão mais violenta, na maioria das vezes trata-se de agressões físicas, como empurrão, puxão de cabelo, soco, chute (WALKER, 2009).

- **Fase III do Ciclo de Violência - Lua de mel:** Fase caracterizada por pedidos de desculpas, arrependimento e promessas de mudança por parte do agressor. Este é o momento do ciclo em que a mulher acredita que a relação pode melhorar e em razão disso alimenta a expectativa de ter relação feliz, pois o agressor passa a agir com carinho e a dizer que as coisas serão diferentes, serão melhores e que ele nunca mais agirá de forma violenta. O comportamento amoroso do agressor faz com que a mulher recorde do início do relacionamento, reforce sua estima pelo companheiro e a impeça de tomar as medidas necessárias para o rompimento da relação (WALKER, 2009).

As situações de violência possuem um início, que pode se apresentar tanto no começo de um relacionamento afetivo quanto alguns anos após. Segundo a literatura, em grande parte dos casos, a violência inicia sua manifestação de forma gradual e silenciosa, progredindo em intensidade e consequências. Na maioria das vezes não há, inicialmente, agressões físicas, mas sim singelas ações de opressão e situações de humilhações e constrangimentos. Isso faz com que a mulher tem sua autoestima e dignidade enfraquecidas, o que facilita que ela tolere as futuras agressões (ALMEIDA, 2020).

Inicialmente é comum que o agressor apresente comportamentos de extremo controle e vigilância da mulher, que muitas vezes se confunde com cuidado, na percepção da mulher. Depois, os comportamentos hostis se intensificam, dando lugar a ofensas verbais severas. Segundo os estudos de Walker (2009), a mulher durante essa fase tende a não responder com a mesma hostilidade numa tentativa de apaziguar os ânimos do agressor.

Na segunda fase do ciclo, as agressões verbais passam a ser mais intensas e começam a ocorrer as agressões físicas. Neste ponto a mulher percebe que suas tentativas de amenizar o comportamento agressivo do parceiro não surte efeito. Na terceira fase do ciclo, em que o agressor implora por desculpas à mulher, promete que o comportamento agressivo não se repetirá e, por vezes, volta a agir como no início do relacionamento, conhecida como a fase da Lua de Mel. Com isso, a mulher acredita que a violência foi um episódio isolado e que o homem por quem ela se apaixonou está de volta. Ao chegar nessa fase, a mulher tende a acreditar que as promessas de mudança do parceiro são reais e que a pior já passou (ALMEIDA, 2020).

O comportamento gentil e amoroso adotado pelo agressor na terceira fase desperta nas mulheres a esperança mudanças prometidas pelo companheiro, inclinando-as a aceitar e perdoar a agressão. Além deste outros fatores que levam as mulheres a permanecerem em uma relação violenta são: a dependência emocional e financeira, a valorização da família, idealização do casamento e do amor, a preocupação com os filhos, o medo da perda e do incerto ao ter que enfrentar a vida sozinha, principalmente quando a mulher não conta com uma rede de apoio social familiar. Por estas razões, a mulher se sente pressionada a dar outra oportunidade ao seu relacionamento, com um misto de sentimentos ambivalentes como medo, remorso, culpa, ilusão e esperança (SILVA, 2020).

Porém o ciclo da violência geralmente se repete e se agrava com o passar do

tempo. Percebe-se então que a cada novo ciclo da teoria da psicóloga Walker, a violência agrava-se, fazendo com que o novo ciclo recomece ainda mais violento e intenso em frequência ou gravidade (ALMEIDA, 2020). *A percepção deste ciclo por parte das mulheres em situação de violência doméstica é fundamental para a compreensão do fenômeno no qual estão envolvidas, e para o reconhecimento de estratégias de superação dessa realidade. Assim, entende-se que a ruptura desse ciclo depende da compreensão da própria mulher de que vivencia tal situação (CALLOU, 2021).*

Importante destacar que a permanência da mulher em situações de violência doméstica envolvem múltiplas e complexas razões. A dificuldade de romper com o ciclo da violência e em sair de um relacionamento violento pode derivar de questões econômicas, legais, burocráticas, mas também perpassam questões emocionais como amor e esperança em transformação, culpa e pena frente ao fim de um relacionamento e medo da adaptação à nova realidade. E não se pode deixar de citar medo de represálias por parte do agressor (MOREIRA, 2020).

A manutenção do relacionamento violento também está ligado à cultura e a sociedade, como mantenedora e corresponsável, uma vez que se prepondera estereótipos, ideais de que a violência é algo natural e privado, reflexo do machismo estrutural perpetuado a partir da perspectiva de família patriarcal, que centra seu poder na figura masculina, mantendo e reafirmando a sua autoridade (SILVA, 2020). Além de ser reforçada, em algumas circunstâncias pelas religiões em detrimento da manutenção de práticas abusivas culturalmente aceitas, mas que causam sequelas imensuráveis na saúde física e psicológica das mulheres expostas aos atos violentos (CASIQUE CASIQUE, 2006).

Todo o exposto intensifica a necessidade de atuações eficientes no enfrentamento da violência doméstica contra as mulheres, para tanto faz-se necessária a disseminação de informações a respeito das raízes culturais e dos mecanismos sociais que propiciam a reprodução de comportamentos que perpetuam a violência, bem como das dinâmicas relacionais que a mantém, para que partido destes conhecimentos possa-se romper os ciclos de violência (SILVA, 2020).

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

Elaborar um aplicativo para dispositivo móvel de rastreamento de violência doméstica contra a mulher, para contribuir no sentido de cessar as violações de direito.

3.2. Objetivos Específicos

- Levantar bibliograficamente meios de rastreamento e identificação de violência contra a mulher disponíveis na literatura.
- Criar uma escala para identificação de indícios de violência contra a mulher.
- Realizar buscas de aplicativos para dispositivos móveis voltados às mulheres que sofrem violência.
- Desenvolver um aplicativo informativo que possibilite a autoidentificação de violência contra mulheres, bem como o encaminhamento aos serviços públicos.

4. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa aplicada, bibliográfica, qualitativa. Conforme Silveira e Gerhardt (2009), a pesquisa qualitativa baseia-se em aspectos da realidade que não podem ser quantificados, pautando-se na compreensão da dinâmica das relações sociais. Trabalhando na análise de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Conforme Neves (1996) a pesquisa qualitativa refere-se a um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que buscam descrever um sistema complexo de significados, e busca interpretar os fenômenos do mundo social, reduzindo a distância entre a teoria e dados encontrados.

O desenvolvimento do produto se deu a partir de cinco etapas metodológicas:

1. Revisão Rápida de Literatura; 2. Busca de Aplicativos voltado a mulheres em situação de violência; 3. Submissão ao Comitê de Ética para a realização da pesquisa, número de protocolo 52510621.1.0000.0106. 4. Criação e validação de Escala de Indícios de Violência Contra a Mulher; 5. Desenvolvimento de Aplicativo para Dispositivo Móvel.

4.1. Revisão Rápida de Literatura

Na primeira etapa o processo envolveu uma revisão sobre as definições das diversas manifestações de violência contra a mulher. A partir disso, buscou-se instrumentos que identificassem violência doméstica, íntima ou familiar contra a mulher, e que determinassem a forma como a violência é manifestada. Posteriormente, o procedimento metodológico utilizado foi a revisão rápida de literatura, a qual pode ser caracterizada como uma metodologia de pesquisa com rigor científico e de grande transparência, tendo por finalidade minimizar o enviesamento da literatura. Para tanto realiza-se uma revisão dos textos publicados sobre o tema em questão, garantindo a qualidade das fontes e aumentando a credibilidade da pesquisa (RAMOS; FARIA; FARIA, 2014).

Conforme Toma (2016), revisão rápida da literatura refere-se a uma metodologia de pesquisa que pode ser empregada da tomada de decisões em saúde, que tem ganho legitimidade ao longo do tempo. Ela pode ser empregada tanto nos processos de incorporação, alteração e exclusão de tecnologias de saúde do sistema de saúde, quanto nas decisões clínicas e até mesmo no apoio à elaboração de políticas de saúde.

Trata-se de uma estratégia de busca capaz de identificar informações relevantes sobre o que se pretende estudar, considerando que as revisões rápidas de literatura adaptam os procedimentos de revisões sistemáticas para obtenção de evidências científicas, auxiliando profissionais nas tomadas de decisões (SOUZA *et al.* 2020).

Conforme Silva (2021), o método adaptado das revisões rápidas tem potencial para ser aplicado como iniciativa de pesquisa científica, pois a informação é sumarizada de forma sistemática, e deve ser elaborada considerando alguns critérios, como redução do escopo da apresentação uma pergunta de pesquisa mais delineada,

redução da faixa do tempo de busca, exclusão da literatura cinzenta e uso de apenas um revisor para a seleção de estudos e análise de dados (informação verbal)¹.

Por meio da revisão rápida de literatura científica verificou-se o material publicado sobre violências contra a mulher. O modelo PICO foi utilizado para definição dos critérios de inclusão, conforme Quadro 1. As bases de dados pesquisadas foram *PubMed*, *Scielo* e *Lilacs*, as palavras-chave utilizadas foram: “violência contra a mulher” e “escalas”, em português, inglês e espanhol. A seleção final contou com artigos que apresentaram conteúdos sobre as violências que atingem mulheres e que usam escalas e questionários para rastreamento e mensuração das violências. As palavras-chave foram combinadas com os operadores Booleanos “AND” e “AND NOT”. A busca foi realizada em maio de 2021.

Quadro 1. Estratégia PICO do presente estudo.

População (P)	Mulheres, de todas as idades, que sofreram violências por ser mulher.
Intervenção (I)	Estudos que contenham questionários, escalas ou protocolos de identificação de violência contra a mulher.
Comparação (C)	Estudos que compararam diferentes formas de violência contra a mulher.
Resultado (O)	Respostas das variáveis analisadas, exceto trabalhos

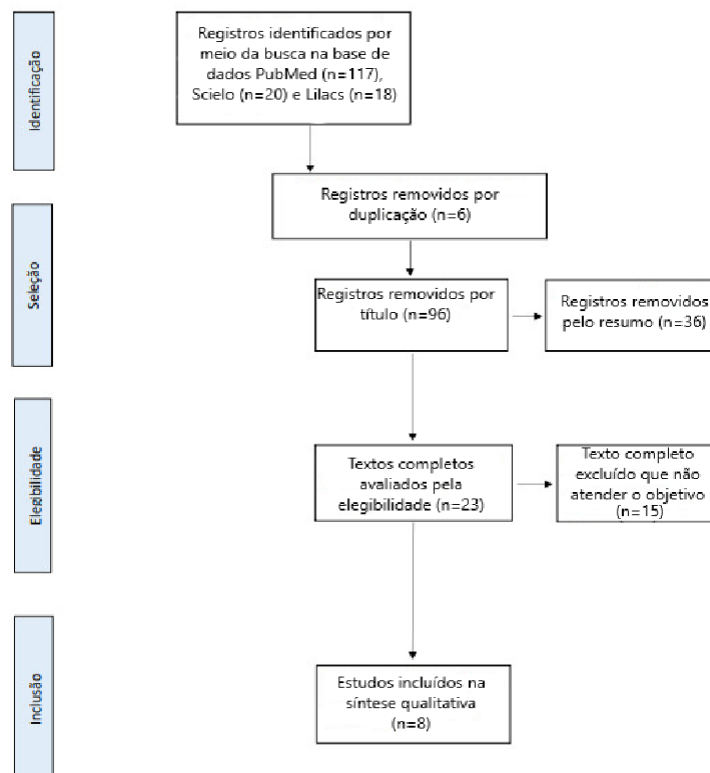
¹ Informações apresentadas pelo Prof. Dr. Danilo Fernandes da Silva professor na *University of Ottawa (uOttawa)*, *Ottawa/ON*, Canadá em palestra “Sugestões Práticas Baseadas em Evidências” dirigida a Turma de Mestrado de Promoção da Saúde da UniGuairacá em 13/08/2021.

	com enfoque judicial ou que não contenham questionários, escalas ou protocolos para identificação de violência contra a mulher.
--	---

Fonte: Original da autora.

Os artigos foram selecionados pelo título, resumo e relevância para o objetivo do estudo. Os critérios de exclusão foram: artigos em duplicata, que tivessem enfoque judiciário, que não contivessem questionários, escalas ou protocolos para identificação de violência e artigos publicados a mais de cinco anos. O processo de pesquisa dos artigos incluídos nessa revisão rápida encontra-se apresentado na Figura 2. Foram encontrados na literatura 149 artigos, sendo que seis foram excluídos por duplicidade, 96 retirados após leitura do título e verificação que não se enquadravam nos critérios para a inclusão, 36 excluídos pelas mesmas razões após a leitura do resumo, restando 23 produções que foram lidas integralmente e destas foram excluídos 15 por não atenderem o objetivo proposto e ao fim 8 artigos foram selecionados para compor o estudo.

Figura 2. Processo de seleção dos artigos



Fonte: Base de dados de coleta da autora.

4.1.1. Resultados Revisão Rápida de Literatura

A primeira busca obteve um resultado de 155 artigos. Destes, 132 foram excluídos após a leitura do título e resumo, restando 23. Desses 23, foram eliminados 15 estudos após a leitura na íntegra do manuscrito por não tratarem do assunto proposto, restando assim oito artigos para a inclusão final, conforme disposto no Quadro 2.

Quadro 2. Descrição dos artigos selecionados

Autor (ano)	País	Título	Ferramenta avaliação / Escala / Protocolo	Resultados / Discussão / Aporte final
Fernanda Robert de Carvalho Santos Silva* ; Elisa Medici Pizão Yoshida**	Brasil	Questionário de Relacionamento Central 6.0 - CRQ 6.0: estudo exploratório de validade com mulheres vítimas de violência	Questionário de Relacionamento Central - CRQ 6.0	O CRQ 6.0 avalia o padrão de relacionamento segundo três componentes: desejos (D); respostas do outro (RO); respostas do eu (RE). Participaram 32 mulheres, vítimas de violência (G1) e 22 mulheres em maternidade (G2). Todas responderam ao CRQ 6.0 e à Escala de Avaliação de Sintomas-40 /EAS-40. Apenas o componente D apresentou boa consistência interna O CRQ 6.0 correlacionou-se com dimensões da EAS-40 e escore total em G1, mas não em G2. O CRQ 6.0 não discriminou os dois grupos amostrais. A EAS-40 apresentou boa consistência interna e escores significativamente mais altos para G1, comparados a G2.
Martha Híjar1 Leticia Avila-Burgos2 Rosario Valdez-Santiago1	México	<i>¿Cuándo utilizan servicios de salud las mujeres que viven en condiciones de violencia de pareja?</i>	<i>Escala de 27 reactivos . Esta escala explora los distintos tipos de violencia: psicológica o emocional,sexual y física. (Criada pelos autores)</i>	<i>El uso de los servicios de salud por mujeres que han sido lesionadas a consecuencia de la violencia de pareja es bajo y, en la mayoría de los casos, está supeditado a la gravedad de las lesiones físicas sufridas. A lo anterior se agrega que el personal de salud únicamente atiende la causa que motivó la demanda, y por su parte la usuaria no confía en éste. Todo lo anterior dificulta la detección y notificación de este problema, por lo que la aplicación de la Norma Oficial para la Atención Médica de la Violencia Familiar enfrenta serias limitaciones que obligan a buscar nuevas estrategias que rebasen el ámbito de los servicios de salud.</i>
Eva Ma. Rodríguez**, Martha Romero Mendoza**, Ana Durand- Smith**,Eduardo Colmenares Bermúdez**, Gabriela Saldívar Hernández**	México	<i>EXPERIENCIAS DE VIOLENCIA FÍSICA EJERCIDA POR LA PAREJA EN LAS MUJERES EN RECLUSIÓN</i>	<i>Se utilizó un instrumento diseñado ex profeso, el cualconsiste de una entrevista semi- estructurada con</i>	<i>De las 213 mujeres entrevistadas, 161 señalaron haber sufrido violencia por parte de su pareja. Respecto al número de actos violentos de que habían sido objeto, en rango de 1 a 5 fue el29.2% (cuadro 2), de 6 a 10, 23.4% y de 11 a 17, el 23.4%</i>

			242preguntas que abarca las siguientes 23 áreas de la vida de las mujeres entrevistadas	
Rosario Valdez-Santiago, M en Antrop ^I ; Martha C Híjar-Medina, PhD ^I ; V Nelly Salgado de Snyder, PhD ^I ; Leonor Rivera-Rivera, M en C ^I ; Leticia Avila-Burgos, D en Econ ^{II} ; Rosalba Rojas, PhD ^{III}	México	<i>Escala de violencia e índice de severidad: una propuesta metodológica para medir la violencia de pareja en mujeres mexicanas</i>	<i>Escala de Violencia (EV)</i>	<i>La escala de violencia desarrollada demostró ser un instrumento útil y confiable para medir la violencia masculina ejercida en las relaciones de pareja. Así entonces, se sugiere ampliar su uso en otras mediciones nacionales y locales para permitir la comparación posterior de los resultados.</i>
Valdez-Santiago, Rosario; Juárez-Ramírez, Clara; Agoff, Carolina; Avila-Burgos, Leticia; Híjar, Martha C.	México	<i>Violencia de género y otros factores asociados a la salud emocional de las usuarias del sector salud em México</i>	<i>Escala de Salud Personal (ESP)</i>	<i>El predictor más importante del malestar emocional entre las usuarias del sector salud fue sufrir la violencia de pareja, sobre todo cuando ésta es severa, seguida de la violencia en la niñez.</i>
Güliz Onat	Turquia	<i>Development of a scale for determining violence against infertile women: a scale development study</i>	<i>Infertile Women's Exposure to Violence Determination Scale</i>	<i>The scale called "Infertile Women's Exposure to Violence Determination Scale" indicates high reliability, good content and construct validity. Routine screening for domestic violence in infertility clinics is necessary to give affected women an opportunity to access appropriate health care and support services.</i>
Anuradha Paranjape,1 Michael Rodríguez,2 John Gaughan,1 and Nadine J. Kaslow3	Estados Unidos	<i>Psychometric properties of a new scale to assess family violence in older African American women: The Family Violence Against Older</i>	<i>Violence Against Older Women (FVOW) Scale</i>	<i>This article reports the development and psychometrics of the Family Violence in Older African American Women Scale, a comprehensive scale to measure family violence in older women. The scale demonstrates two distinct factors: (a) "Abuse" and (b) "Caregiving Failure," which measure abusive behaviors in the context of a family</i>

<p><u>Navarro-Guzmán, Capilla;</u> <u>Ferrer-Pérez, Victoria</u> <u>Aurora; Bosch-Fiol,</u> <u>Esperanza.</u></p>		<p><i>Women (FVOW) Scale</i></p> <p><i>El acoso sexual en el ámbito universitario: análisis de una escala de medida</i></p>	<p><i>Escala de acoso sexual e interacción social de contenido sexual en el ámbito universitario (EASIS-U)</i></p>	<p><i>relationship and caring for older women, respectively.</i></p> <p><i>Se diseñó un cuestionario para el estudio de sus componentes que incluye 38 ítems que describen diferentes comportamientos de interacción social de contenido sexual y de acoso sexual. El instrumento fue administrado a 1693 personas (1521 estudiantes y 172 miembros del personal) de una universidad española. Los resultados indican que el cuestionario está constituido por cuatro factores que explican el 61.81 % de la varianza total y evalúan comportamientos de chantaje sexual (Escala 1), acoso sexual de componente verbal (Escala 2) y físico (Escala 3) e interacción social de contenido sexual (Escala 4) en el ámbito académico, con datos de consistencia interna favorables (a entre 0.962 y 0.775).</i></p>
---	--	---	--	---

Fonte: Base de dados de coleta da autora.

Os estudos selecionados possuem escalas ou questionários que podem ser usados na identificação de violências contra a mulher. Cada um deles foi usado ou desenvolvido para a finalidade proposta pelos autores, sendo que cinco deles tratam-se de escalas já usadas para outros fins, e três criados pelos autores, de acordo com a finalidade.

Os estudos de Silva e Yoshida (2009) apresentam que os resultados obtidos por meio da escala não confirmaram a expectativa teórica de que mulheres em situação de violência apresentariam maior intensidade no conflito do relacionamento com o parceiro amoroso, se comparadas a mulheres que não haviam passado por episódios de violência. Logo, para a finalidade esperada a escala não logra êxito.

Enquanto os resultados obtidos por meio da escala dos autores Hajar, Avila, Valdez-Santiago (2006) demonstram que há um grupo de mulheres mais vulneráveis que não recorrem aos serviços de saúde frente à agressões e abusos sofridos, mas que o questionário aplicado pelos funcionários da serviço de saúde é capaz de rastrear a violência, embora esteja mais focado às violências visíveis, como física e sexual.

Rodriguez (*et al.* 2006) utilizaram um instrumento elaborado para o estudo, que consistia em uma entrevista semiestruturada com 242 questões que abrangiam diversas áreas da vida das mulheres entrevistadas, foi observado que a frequência de violência sofrida pelo grupo de mulheres na prisão foi maior do que a documentada em outros estudos. Logo o questionário foi adequado para a obtenção dos resultados esperados.

Valdez-Santiago (*et al.* 2006) desenvolveu a Escala de Violência (EV), que consiste na análise de um padrão repetitivo de maus-tratos do parceiro masculino à mulher, caracterizado por uma série de comportamentos coercitivos que podem incluir: a) violência física; b) violência emocional; c) violência sexual; d) violência econômica. O objetivo do EV era medir os níveis de gravidade de cada tipo de violência explorado no estudo. O EV incorpora 27 itens selecionados a partir de dois instrumentos que se mostraram úteis para mensurar a violência masculina contra a mulher no relacionamento, a saber: o Índice de Abuso Cônjuge (ISA) 5 e a Escala de Gravidade da Violência Contra a Mulher (SVAWS), esta última elaborada por Marshall em 1992. Além disso, dois itens foram incluídos para explorar a violência econômica. O EV é composto por quatro subescalas que medem a frequência de

ações violentas nos últimos 12 meses (1 = nunca, 2 = alguma vez, 3 = várias vezes e 4 = muitas vezes). A escala mostrou-se válida para o rastreamento de violências contra a mulher, sendo apontado pelos autores a necessidade de se ampliar as investigações para determinar a violência econômica, visto que foram incluídos apenas dois itens na EV para a identificação da violência.

Em outro estudo de Valdez-Santiago (*et al.* 2006), foi utilizado a *Escala de Salud Personal (ESP)* para observar que mulheres em situação de violência estavam mais expostas a altos índices de sofrimento emocional, sugerindo a utilização de ferramentas de rastreamento de violência nos serviços de saúde. Logo percebe-se que a finalidade do instrumento, Escala de Salud Personal (ESP), não é identificar violência, sendo necessário o uso de outros meios para o seu rastreamento.

Güliz Onat (2014) determina que a *“Infertile Women’s Exposure to Violence Determination Scale”* composta por cinco subescalas, indica alta confiabilidade, bom conteúdo e validade de construto, quando usada na realidade estudada.

Os estudos de Paranjape; Rodríguez, Gaughan e Kaslow (2009) pretendiam observar que a escala *The Family Violence Against Older Women (FVOW) Scale* cumpre o objetivo no rastreamento de violências diversas em mulheres idosas, sendo dividido em duas modalidades abuso e falha no cuidado.

A *Escala de acoso sexual e interacción social de contenido sexual en el ámbito universitario (EASIS-U)*, foi elaborada a partir de um questionário que inclui 38 itens que descrevem diferentes comportamentos de interação social com conteúdo sexual e assédio sexual. Como o nome expõe, o objetivo está restrito ao rastreamento de violências sexuais (NAVARRO-GUZMÁN; FERRER- PÉREZ; BOSCH- FIOL, 2016).

Estes dois últimos estudos mostrados desviam-se do objetivo proposto, porém foram mantidos pela relevância que apresentaram em suas realidades pautados nas condições sociais e regionais em que foram aplicados.

Inobstante, os estudos das escalas e questionário em sua maioria lograrem êxito na finalidade proposta, observou-se que apenas um deles apresenta qual a manifestação da violência sofrida pela mulher.

Isso revela a necessidade de serem aprimorados os estudos voltados ao rastreamento das formas de manifestação de violências às mulheres, e de ser

desenvolvidos na realidade brasileira instrumentos que possibilitem o acesso a estas informações.

4.2 Busca de Aplicativos voltados a mulheres em situação de violência

A crescente dos dispositivos móveis no mundo tem sido considerado a evolução tecnológica de maior impacto e relevância na atualidade, após a revolução causada pela Internet e pelas redes sociais, pois os dispositivos móveis são considerados computadores de bolso que permitem o acesso a *softwares* que possibilitam a personalização de suas funções conforme a necessidade e particularidade do usuário, esses *softwares* são chamados de aplicativos (TIBES, 2014). Aplicativo então é um *software* que pode ser instalado em algum dispositivo eletrônico para desempenhar tarefas ou auxiliar o usuário.

O uso de Tecnologias da Informação na saúde vem se tornando indispensável, pois permitem avanços incalculáveis na disseminação de conhecimento, na estruturação de serviços, no registro e organização dos dados, facilitando o armazenamento, processamento, compartilhamento e acesso deles seja por profissionais de saúde, organizações públicas e acadêmicas, permitindo acesso a população em geral (BRAGA, 2017).

A fim de verificar os aplicativos voltados a mulheres em situação de violência disponíveis, foi realizado uma busca no portal eletrônico da *Google Play Store*, que é o principal serviço de distribuição digital de aplicativos, onde foram encontrados 22 aplicativos, sendo 21 no Brasil e um em Portugal.

Para a busca, realizada no primeiro semestre de 2021, foi usado o termo “mulher em situação de violência”. Foram selecionados os aplicativos relacionados ao tema, que fossem desenvolvidos na língua portuguesa e excluídos aplicativos de jogos, com temáticas divergentes ao pretendido. Os dados levantados nos aplicativos foram organizados em um quadro (Quadro 3), que apresentam os seguintes critérios: nome do aplicativo, local de desenvolvimento ou para onde está disponível, finalidade e endereço eletrônico para *download*. Inicialmente foram encontrados 132 aplicativos, 74 aplicativos foram excluídos por serem jogos, 19 foram retirados por não estarem relacionados à temática proposta e 17 por estarem

disponíveis em línguas estrangeiras. Após a análise e aplicação dos critérios de exclusão, restaram 22 aplicativos, sendo 21 no Brasil e um em Portugal.

Quadro 3. Aplicativos voltados à Mulheres Vítimas de Violência

Nome do Aplicativo	Localidade	Objetivo	Disponível em
SOS Mulher - iOS	Amapá	Aplicativo voltado para o combate da violência doméstica. O aplicativo permite que a usuária cadastre até 5 contatos de sua confiança e envie para estes, em caso de emergência, uma mensagem SMS com sua localização atual e um pedido de socorro. Este SMS é tarifado normalmente, de forma que é necessário que a usuária possua crédito para seu envio. O aplicativo conta ainda com uma ferramenta de compartilhamento de relatos.	https://apps.mpap.mp.br/sosmulher
Salve Maria - Android e iOS	Piauí	Este aplicativo é um serviço do Governo do Estado do Piauí que viabiliza do envio de denúncias da população de forma anônima. Criado para que mulheres consigam enviar de maneira anônima denúncias. O “botão do pânico”, manda um alerta para a viatura de polícia mais próxima da ocorrência.	https://capricho.abril.com.br/comportamento/5-aplicativos-de-denuncia-que-ajudam-mulheres-na-luta-contra-o-feminicidio/
Me Respeita! - Android	Nacional	Pode ser usada por uma usuária que queira relatar um assédio e/ou cadastrar um contato de emergência por precaução. Para se cadastrar, é preciso colocar um nome e um contato de emergência, que será sempre ativado no caso de necessidade.	https://capricho.abril.com.br/comportamento/5-aplicativos-de-denuncia-que-ajudam-mulheres-na-luta-contra-o-feminicidio/
SaiPraLá - iOS	Nacional	O intuito do SaiPraLá é mapear o assédio e atuar na prevenção dele, mostrar para as mulheres quais são os locais onde mais ocorrem assédios e pressionar os órgãos responsáveis pela nossa segurança para que tomem atitudes.	https://capricho.abril.com.br/comportamento/5-aplicativos-de-denuncia-que-ajudam-mulheres-na-luta-contra-o-feminicidio/
PenhaS	Nacional	A plataforma traz informações e mapas com pontos de apoio à vítima. Além de ter um chat para que as mulheres possam conversar com outras mulheres, e também, ao criar uma rede de proteção, é possível gravar uma agressão e ligar direto para a polícia.	https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/04/10/interna-brasil,748683/conheca-sete-aplicativos-que-combatem-a-violencia-contra-a-mulher.shtml
Salve Maria (Uberlândia)	Minas Gerais - Uberlândia	Esta plataforma viabiliza o envio de denúncias de violência contra a mulher. Além disso, conta com o botão do pânico, que envia sua localização para as autoridades em caso de violência contra a mulher.	https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/04/10/interna-brasil,748683/conheca-sete-aplicativos-que-combatem-a-violencia-contra-a-mulher.shtml
Juntas	Nacional	O Juntas cria uma rede de proteção para mulheres, que pode ser acionada em situações	https://www.correiobraziliense.com.br/app/no

		de perigo. Além disso, também disponibiliza um conjunto de estudos, pesquisas e informações sobre o tema.	ticia/brasil/2019/04/10/interna-brasil,748683/conheca-sete-aplicativos-que-combatem-a-violencia-contra-a-mulher.shtml
Mete a Colher	Nacional	O <i>app</i> conecta diretamente mulheres que precisam de ajuda com outras que podem oferecer apoio de forma voluntária. Nele, é possível contar com três categorias de pedidos de ajuda: apoio emocional, orientação jurídica e inserção no mercado de trabalho. Neste último caso, a ideia é auxiliar mulheres na procura de um emprego para largar a dependência financeira do parceiro.	https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/04/10/interna-brasil,748683/conheca-sete-aplicativos-que-combatem-a-violencia-contra-a-mulher.shtml
Direitos Humanos BR – iOS e Android	Nacional	O Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (MMFDH) criou novas plataformas digitais para ajudar vítimas de violência doméstica a denunciar seus agressores com mais privacidade do que em um atendimento por telefone. Funcionando como uma versão digital do “Ligue 180” e do “Disque 100”, canais usados para registrar denúncias de violência.	https://olhardigital.com.br/2020/04/03/noticias/governo-lanca-aplicativo-para-denunciar-violencia-domestica/
Hear (Helping Everyone to Actively React) Android	Pernambuco	O <i>Hear</i> usa o microfone do smartphone para captar o que é falado por perto. Com o uso de inteligência artificial, o app analisa palavras-chave e o tom das vozes para identificar uma agressão. Parte do processamento acontece localmente, no próprio celular da usuária, e parte na nuvem, em servidores mantidos pelo projeto. Para o treinamento do algoritmo foram usados diversos vídeos de agressões e de não agressões.	https://linktoleaders.com/app-brasileira-com-ia-identifica-violencia-contra-mulheres/
Nome não divulgado.	Rio Grande do Sul	O app funciona por meio do disparo de mensagens de texto via SMS para contatos previamente cadastrados pela usuária, com pedido de socorro e informação sobre a localização aproximada do telefone, baseada no GPS do celular. As informações sobre o aplicativo serão disponibilizadas às vítimas de violência doméstica por ocasião dos atendimentos e das audiências realizadas com a participação dos agentes ministeriais, de forma discreta para evitar o conhecimento do dispositivo pelo agressor.	https://www.mprs.mp.br/noticias/52554/
VCMulher.	Paraíba / Nacional	O app tem como objetivo ajudar profissionais da atenção básica a identificar se uma mulher é vítima ou se corre o risco de sofrer violência doméstica. O aplicativo tem 27 perguntas sobre a qualidade de vida da mulher e calcula, pelos resultados, o coeficiente de risco de violência, com graduação que vai de baixo à alto. O resultado é obtido por meio de padrões e estatística.	https://www. hojeemdia.com.br/primeiro-plano/saiba-como-funciona-o-vcmulher-um-app-que-identifica-o-risco-de-viol%C3%Aancia-dom%C3%A9stica-1.826848

Botão do Pânico Virtual - Paraná	Paraná	<p>Botão do Pânico Virtual - Paraná Apenas três toques no celular e mulheres vítimas de violência doméstica e familiar podem acionar a Polícia Militar. É para agilizar o atendimento emergencial nesses casos que foi criado o Botão do Pânico Virtual, dispositivo que passou a integrar o App 190.</p> <p>O botão é liberado apenas para mulheres que possuam medidas protetivas de urgência, concedidas por meio da Lei Maria da Penha. Ele possui duas funcionalidades: a primeira é o acionamento imediato da Polícia Militar, que terá acesso à geolocalização do celular e fará um atendimento de emergência por meio das informações disponíveis no aplicativo. A segunda é a gravação do som ambiente durante 60 segundos, que é enviada à equipe policial como material de apoio para a compreensão do contexto da emergência.</p>	http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=111336
SOS Marias	Espirito Santo	<p>SOS Marias, uma nova funcionalidade disponibilizada dentro do aplicativo 190 ES, direcionada a mulheres que sofrem com violência doméstica. Agora, as vítimas podem fazer o acionamento emergencial da Polícia Militar sem a necessidade de atendimento pelo call center, visando os casos de mulheres em situação de violência que não podem, por ocasião do fato, solicitar o apoio de uma viatura policial discando para o 190.</p>	https://www.es.gov.br/Noticia/estado-lanca-aplicativo-sos-marias-para-mulheres-vitimas-de-violencia-domestica
Minha Voz	Nacional	<p>O programa "Minha Voz" é um dos vencedores do Hackathon, uma maratona hacker organizada pela Câmara dos Deputados em 2014. O projeto foi selecionado entre oito propostas relacionadas ao tema "Violência Contra a Mulher". Além de mapear os serviços públicos disponíveis para vítimas de violência do sexo feminino, o aplicativo conta com espaços para depoimentos e incentivo a denúncias.</p>	https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2015/03/confira-12-apps-que-combatem-violencia-contra-mulher
PLP 2.0	Nacional	<p>O aplicativo PLP 2.0 tem o objetivo de facilitar o socorro a mulheres de todo o Brasil. A ferramenta está conectada a uma rede de cinco contatos da usuária e a entidades públicas e privadas. O projeto é a extensão do programa Promotoras Legais Populares, que já funciona no Rio Grande do Sul, em parceria com o Tribunal de Justiça do Estado. A ferramenta foi desenvolvida pelas ONGs brasileiras Instituto Géledes e THEMES Gênero, Justiça e Direitos Humanos.</p>	https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2015/03/confira-12-apps-que-combatem-violencia-contra-mulher
Lei Maria da penha	Nacional	<p>Lei Maria da penha Para quem quer entender melhor os direitos que a Lei Maria da Penha assegura, o aplicativo de mesmo nome permite acesso aos artigos da lei que protege mulheres contra violência doméstica e sexual. Desenvolvido pela Organização das Nações Unidas (ONU).</p>	https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2015/03/confira-12-apps-que-combatem-violencia-contra-mulher
SOS Mulher (2)	Nacional	<p>SOS Mulher (2) tem o objetivo de facilitar o</p>	https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2015/03/confira-12-apps-que-combatem-violencia-contra-mulher

		acesso á informação sobre os mecanismos de defesa contra a violência contra a mulher. A ferramenta tem um geolocalizador, que permite detectar onde a usuária se encontra e mostra os serviços de apoio disponíveis ao redor. O aplicativo também conta com instruções para encaminhar a mulher aos órgãos de apoio, onde ela poderá fazer denúncias de violências por ela sofridas.	m.br/cidadania/2015/03/confira-12-apps-que-combatem-violencia-contra-mulher
Chega de fiu-fiu	Nacional	O mapa Chega de fiu-fiu é uma plataforma colaborativa que permite mapear os pontos de risco para mulheres de todo o Brasil. Lá é possível compartilhar anonimamente pontos onde se sofreu violência. O aplicativo conta com as seguintes categorias: assédio verbal, assédio físico, ameaça, intimidação (stalking), atentado ao pudor, estupro, violência doméstica e exploração sexual.	https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2015/03/confira-12-apps-que-combatem-violencia-contra-mulher
Circle of 6 - iOS	Nacional	Com o slogan “um aplicativo que previne a violência antes que aconteça,” o Circle of 6 permite escolher seis pessoas em seu círculo de amigos. Se você estiver perdida e precisa de uma carona ou não sabe onde está, você toca no ícone do aplicativo e ele envia um texto para o seu círculo com a sua localização GPS. Caso você esteja em um encontro desconfortável: o aplicativo pode enviar uma mensagem para o seu círculo e alertá-las para ligar para você, te salvando da roubada.	https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2015/03/confira-12-apps-que-combatem-violencia-contra-mulher
"Não" - Android e iOS	Palmeira dos Índios	No app, mulheres residentes em Palmeira dos Índios que estejam sofrendo violência podem acionar a Polícia discretamente com apenas um clique. Além da função de chamar a polícia, o app permite que as vítimas enviem fotos e vídeos para provar as agressões. Os arquivos só poderão ser acessados pela Polícia. É possível ainda cadastrar números de pessoas próximas, que também serão contactadas automaticamente no caso de uma emergência.	

Fonte: Base de dados de coleta da autora.

4.2.1. Resultado da Busca de aplicativos voltados a mulheres em situação de violência

A partir dos resultados apresentados nota-se que dos 21 aplicativos do Brasil, 13 deles possuem disponibilidade nacional, sete deles estão disponíveis exclusivamente para seu estado e um deles é de uso restrito de um município.

Os aplicativos possuem funcionalidades e objetivos distintos, e todos são significantes para o combate à violência contra a mulher. Entre as principais funcionalidades observa-se que seis deles disponibilizam a opção de cadastro de pessoas que possam ser acionadas em situações de risco, como uma rede de apoio em emergências.

Assim sendo, cinco dos aplicativos encontrados oferecem estudos, pesquisas e informações referentes à violência contra a mulher. Com relação ao acionamento da Polícia Militar através de um botão do pânico, quatro aplicativos apresentam esta funcionalidade.

Três aplicativos oportunizam espaço de troca de vivências de mulheres que vivem ou já viveram situações de violência, dois possuem mapeamento de locais em que há maior probabilidade de sofrer assédio, um calcula as respostas de um questionário, a possibilidade de uma mulher sofrer ou já ser vítima de violência e outro usa a análise do som ambiente para determinar possíveis violências, acionando automaticamente a Polícia Militar.

Baseado nos resultados desta busca, compreende-se que apesar da existência de inúmeros aplicativos para dispositivo móvel, não há no Brasil até o momento, nenhum que contemple as características necessárias para alcançar os objetivos propostos neste trabalho, que são identificar as formas de manifestação de violência doméstica contra a mulher e informar sobre a tomada de decisão frente ao reconhecimento da violência.

4.3 Submissão ao Comitê de Ética

Este estudo atendeu todos os preceitos da resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde que trata de pesquisas envolvendo seres humanos. Inicialmente o projeto de pesquisa foi apresentado à direção do Departamento de Assistência Social da Prefeitura Municipal de Palmas – PR, onde foi solicitada a autorização para o desenvolvimento da pesquisa nas dependências do Departamento. Após autorização, o projeto foi enviado para o comitê de ética da UNICENTRO via Plataforma Brasil, sendo aprovado sob o parecer de número 5.129.622.

4.4 Criação da Escala de Índícios de Violência Doméstica Contra a Mulher

Partindo dos resultados da revisão rápida de literatura bem como da busca aos aplicativos voltados a mulheres em situação de violência, constatou-se a necessidade de se desenvolver um questionário que permitisse identificar indícios de violência contra a mulher elencando as formas de manifestação destas violências, no qual possui relevância também, por empoderar a mulher que vive uma situação de violência no sentido de agir frente ao reconhecimento da violência.

A finalidade da escala é instigar a mulher a perceber-se em situação de violência, buscando que, a partir desta percepção, sinta-se incentivada a buscar os serviços de atendimentos e proteção.

Valendo-se da Lei Maria da Penha (2006), as manifestações de violência foram separadas em cinco blocos: violência moral, violência patrimonial, violência psicológica, violência sexual e violência física. E, para cada manifestação foram criadas 4 afirmativas, cada uma destas com pontuações específicas que ao fim indicam o risco da violência. Desta forma, ao fim, a escala ficou composta por 20 afirmativas. A escala está disponível no Apêndice I deste trabalho.

A sequência das afirmativas foi construída de forma que a sentença se agravasse gradativamente, permitindo à mulher que suas lembranças sejam desbloqueadas também de forma gradativa, numa tentativa de evitar memórias gatilhos que a impeçam de prosseguir respondendo, assim contribuindo na fidedignidade das respostas.

Importante ressaltar que a escala foi desenvolvida exclusivamente para o uso no aplicativo, e que seu intuito é encorajar a mulher a se perceber vítima de violência, considerando que a mulher tende a não se reconhecer como vítima, e em razão disso não busca o atendimento necessário para a superação da violência (COSTA *et al.* 2013).

Tratando-se de uma escala cuja finalidade é a integração no aplicativo de dispositivo móvel a validação se deu por meio da avaliação de sete profissionais. Sendo cinco deles doutores da área da saúde e duas psicólogas com experiência no atendimento de mulheres em situação de violência. E posterior aplicação em cerca de 30 mulheres para verificar a aplicabilidade do instrumento. Sendo que destas 30:

15 serão mulheres com histórico de atendimento por situações de violência contra a mulher e 15 mulheres sem histórico de tal violação. Estas mulheres foram identificadas por meio dos prontuários de atendimento da Assistência Social de Palmas-PR, e serão convidadas a participar do estudo. E o objetivo destas intervenções foi comparar se a escala é capaz de identificar tais indícios.

A finalidade da escala será instigar a mulher a perceber-se em situação de violência doméstica, buscando que, a partir desta percepção, sintam-se incentivadas a buscar os serviços de atendimentos e proteção.

A escala em questão constitui-se de um instrumento autoaplicável e não possui o objetivo claro de designar a presença ou a ausência de situações de violências e sim de suscitar indícios. Portanto o instrumento isolado não pode ser considerado um produto passível de ser convertido em protocolo, mas pode-se futuramente compor protocolos já existentes para atendimentos às mulheres vítimas de violência.

Sendo assim, como neste momento não há pretensão de transformar a escala em um instrumento de aplicação por parte do profissional de saúde no ambiente de trabalho, mas considera-se passível de ser incluída futuramente em protocolos já existentes.

4.4.1. Avaliação da escala por profissionais selecionados

Após a elaboração das afirmativas e os valores referentes a cada sentença uma prévia da escala foi enviada à sete profissionais, sendo cinco deles doutores da área da saúde e duas psicólogas com experiência no atendimento de mulheres em situação de violência. O documento de validação está disponível no Apêndice II deste trabalho.

Os profissionais consultados consideraram a escala eficiente para a finalidade proposta, que é o uso exclusivo no aplicativo com intuito de indicar indícios de possível violência. Os avaliadores apontaram sugestões de alteração dos valores das sentenças, conforme exposto no Quadro 4. Não foi sugerida a reestruturação total de nenhuma afirmativa e tampouco substituição.

Quadro 4. Considerações sobre a escala

Profissional apreciador	Sugestão	Consideração
Professor 1	Alterar classificação de alto risco para: 20 pontos ou mais	Adequado para a finalidade proposta.
	Aumentar para 2 as questões 1,3,4	
	Na questão 15, descrever quais formas de anticoncepcionais	
Professor 2	Trocar termo usuário por participante.	Adequado para a finalidade proposta.
Professor 3	Sugestão de reescrita na questão 2	Adequado para a finalidade proposta.
	Aumentar para 5 as questões 3,6	
	Aumentar para 10 as questões 11 e 14	
	Ter uma questão chave em cada bloco, com pontuação maior	
Professora 4	Usar Escala Liker – nunca, às vezes e sempre	Adequado para a finalidade proposta.
	Não apresentou sugestões de alterações.	
Professora 5	Não apresentou sugestões de alterações.	Adequado para a finalidade proposta.
Psicóloga 1	Alterar o valor da questão 3 para 2 pontos.	Adequado para a finalidade proposta.
	Alterar o valor da questão 13 para 10 pontos.	
	Aumentar o valor das questões 17 e 18 para 15 pontos.	
	Diminuir o valor da questão 19 para 10.	
Psicóloga 2	Aumentar para 2 as questões com pontuação 1.	Adequado para a finalidade proposta.
	Diferenciar os valores das questões 19 e 20. Diminuir a 19 ou acrescer a 20.	

Fonte: Base de dados de coleta da autora.

Após a adequação da escala, baseada nas sugestões apontadas pelos apreciadores, foi elaborada a versão final da Escala de Indícios de Violência Doméstica Contra a Mulher com os devidos valores de cada sentença, disponível no Apêndice III.

4.4.2. Aplicação da Escala

Após a conclusão da primeira etapa foi organizada a aplicação da Escala de Indícios de Violência Contra a Mulher em 30 mulheres para verificar a aplicabilidade do instrumento. Sendo que destas 30: 15 eram mulheres com histórico de

atendimento por situações de violência contra a mulher e 15 mulheres sem histórico de tal violação. Estas mulheres foram identificadas nos prontuários de atendimento da Assistência Social de Palmas-PR, e foram convidadas a participar do estudo. O objetivo da aplicação da escala em dois grupos foi comparar os resultados a fim de observar se a escala é capaz de identificar indícios de violência doméstica nos relacionamentos.

4.4.3. Resultados e conclusão

Os resultados obtidos na aplicação da escala nos dois grupos propostos, Grupo A – Com histórico de violência doméstica e Grupo B – Sem histórico de violência doméstica, foram organizados e estão disponíveis nos quadros 5 e 6.

Quadro 5 – Resultados do Grupo A – Mulheres com histórico de violência

Mulheres com histórico de violência	AFIRMATIVAS																				Pontuação	Índice de risco	Formas de manifestação
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20			
Participante A – 1	x		x		x							x						x			26 pontos	Alto risco	Moral/ Patrimonial/ Psicológica/Física
Participante A – 2	x	x								x		x	x					x			31 pontos	Alto risco	Moral/ Psicológica/ Sexual/ Física
Participante A – 3	x	x	x		x		x			x	x	x	x					x			44 pontos	Alto risco	Moral/ Patrimonial/ Psicológica/Sexual/ Física
Participante A – 4	x		x	x				x	x	x		x						x			39 pontos	Alto risco	Moral/ Patrimonial/ Psicológica/ Física
Participante A – 5										x		x	x						x	x	38 pontos	Alto risco	Psicológica/Sexual/ Física
Participante A – 6							x			x		x						x		x	37 pontos	Alto risco	Patrimonial/ Psicológica/ Física
Participante A – 7	x		x					x		x		x						x		x	55 pontos	Alto risco	Moral/ Patrimonial/ Psicológica/Sexual/ Física
Participante A – 8	x			x	x						x							x			26 pontos	Alto risco	Moral/ Patrimonial/ Psicológica/ Física
Participante A – 9		x	x						x			x						x	x		36 pontos	Alto risco	Moral/ Patrimonial/ Psicológica/ Física
Participante A – 10										x		x	x	x		x	x				35 pontos	Alto risco	Psicológica/Sexual/ Física
Participante A – 11			x			x	x	x		x								x			32 pontos	Alto risco	Moral/ Patrimonial/ Psicológica/ Física
Participante A – 12	x			x		x	x		x				x		x				x		40 pontos	Alto risco	Moral/ Patrimonial/ Psicológica/Sexual/ Física
Participante A – 13	x	x							x	x	x	x								x	39 pontos	Alto risco	Moral/ Psicológica/ Física
Participante A – 14				x					x	x			x		x			x			31 pontos	Alto risco	Moral/ Psicológica/ Sexual/ Física
Participante A – 15									x	x								x	x		28 pontos	Alto risco	Psicológica/ Física
Somatória das afirmativas	8	4	6	4	3	2	4	3	6	11	3	10	6	1	2	1	12	4	4	1			

Fonte: Base de dados de coleta da autora.

Gráfico 1:



Fonte: Base de dados de coleta da autora.

Conforme mostra o quadro e o gráfico, todas as mulheres com histórico de violência contra a mulher apresentaram alto risco de exposição à violência. Considerando que 20 pontos é valor-base para ser classificado como alto risco de exposição à violência, e as pontuações apresentaram uma média de 35 pontos, observa-se a gravidade a qual estas mulheres estão submetidas e emergente necessidade de atuação frente a essa problemática.

O primeiro aspecto analisado nos resultados refere-se a manifestação de violência física estar presente nos resultados de todas as mulheres submetidas ao estudo, isso reforça a informação já citada neste trabalho que as mulheres tendem a reconhecer-se em situação de violência quando são submetidas à agressões físicas, esse resultado corrobora também com os dados apresentados por Almeida (2020, p.51) “a violência física é a forma de violência contra a mulher de maior visibilidade, pois há uma menor predisposição social em aceitar esse tipo de agressão”, ou seja a violência física é a forma de manifestação da violência mais visível, menos aceita pela sociedade e, por estas razões, mais divulgadas em estudos sobre violência doméstica.

Juntamente da violência física, a violência psicológica também foi elencada por todas as mulheres avaliadas. Isso pode ser compreendido à luz da teoria do Ciclo de Violência Doméstica de Walker, onde observa-se que as manifestações físicas da violência são antecedidas de violências psicológicas (fase 1 do Ciclo de Violência Doméstica), que buscam enfraquecer e desestabilizar a mulher, tornando-a mais suscetível a submeter-se às agressões físicas empreitadas na fase aguda (fase 2 do Ciclo de Violência doméstica).

Os índices de exposição a violência física e psicológica apresentados por meio dos resultados da escala reforçam os dados de pesquisas que apontam que a violência física é a mais prevalente, ou a mais denunciada, dentro do ambiente doméstico, consistindo no total de 58% das denúncias realizadas por mulheres, em seguida aparece a violência psicológica, 36% das denúncias (KOSAK, 2018).

As demais manifestações de violência também apresentaram relevância nos resultados, sendo que a violência moral foi assinalada em 11 instrumentos, a violência patrimonial em nove escalas e a violência sexual em sete.

Com relação às cinco formas de manifestação da violência contra a mulher – violência moral, violência patrimonial, violência psicológica, violência sexual e violência física. Destaca-se que das 15 mulheres com histórico de violência doméstica, três assinalaram afirmativas que denotam exposição às cinco manifestações da violência, sete delas assinalaram afirmativas referentes a quatro formas de manifestação, quatro mulheres conforme os resultados estão expostas à três diferentes formas de violência e apenas duas assinalaram afirmativas que revelam estarem sob duas manifestações de violência. Estes dados apontam a complexidade da violência doméstica contra a mulher, pois sobrepõem situações e contextos que precisam ser percebidos e reconhecidos pela mulher para que mediante a identificação possa-se agir no sentido de cessar tais violências (MOREIRA, 2020).

Os resultados observados no grupo A mostram-se bastante coesos e destoam dos resultados obtidos por meio da aplicação da escala em mulheres sem histórico de violência, conforme quadro 6:

Quadro 6 – Resultados do Grupo B

Mulheres sem histórico de violência	AFIRMATIVAS																				Pontuação	Índice de risco	Formas de manifestação
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20			
Participante B – 1																					Não pontuou	Sem indícios	Ausente
Participante B – 2		x																			04 pontos	Baixo risco	Moral
Participante B – 3											x										05 pontos	Baixo risco	Psicológica
Participante B – 4																					Não pontuou	Sem indícios	Ausente
Participante B – 5																					Não pontuou	Sem indícios	Ausente
Participante B – 6											x										04 pontos	Baixo risco	Psicológica
Participante B – 7																					Não pontuou	Sem indícios	Ausente
Participante B – 8				x					x												08 pontos	Baixo risco	Moral/ Psicológica
Participante B – 9				x								x									08 pontos	Baixo risco	Moral/ Psicológica
Participante B – 10										x											04 pontos	Baixo risco	Psicológica
Participante B – 11																					Não pontuou	Sem indícios	Ausente
Participante B – 12																					Não pontuou	Sem indícios	Ausente
Participante B – 13	x		x									x									12 pontos	Médio Risco	Moral/ Psicológica
Participante B – 14				x	x				x			x									16 pontos	Médio Risco	Moral/ Patrimonial/ Psicológica
Participante B – 15											x	x									08 pontos	Baixo risco	Psicológica
Somatória das afirmativas	1	1	1	3	1	0	0	0	0	2	2	2	4	0	0	0	0	0	0	0			

Fonte: Base de dados de coleta da autora.

Gráfico 2:



Fonte: Base de dados de coleta da autora.

Nos resultados do grupo B, formado por mulheres que não possuíam histórico de violência doméstica é possível destacar que sete mulheres não marcaram nenhuma afirmativa como verdadeiras em seu relacionamento, sendo então considerados que no momento não estão expostas a situações de violência doméstica. Sete resultados indicaram presença de exposição à violência doméstica, mas classificada como baixo risco, sendo de manifestações de violência psicológica e/ou moral. E dois resultados apresentaram médio risco de exposição à violência doméstica, um destes com manifestação de violência psicológica e moral e o outro além das duas manifestações inclui a violência patrimonial. Destaca-se ainda a ausência de manifestações de violências sexuais e físicas em todos os resultados das escalas do grupo B.

Observa-se que 60% das mulheres do grupo B que preencheram a escala assinalaram afirmativas que denotam exposição à violência psicológica e moral. No dia a dia essas violências revelam-se de várias formas, desde as mais discutidas como agressões verbais, humilhações, exercício do controle sobre o comportamento e as vontades da mulher até as menos conhecidas, mas não menos destrutivas, como comportamentos de manipulação psicológica, que comprometem a autoestima

da mulher, levando à distorção da percepção que a mulher tem da situação e de si (ALMEIDA, 2020).

A violência psicológica é extremamente danosa, mas a literatura aponta que sua identificação é a mais difícil do ponto de vista social, pois as marcas que essas condutas deixam não são aparentes. Consistem em condutas morais ou verbais que intimidem a vítima, a desvalorize, produza sentimentos de culpa ou sofrimento. Por vezes, a mulher vítima desta prática silencia para evitar maiores conflitos, incorrendo em dúvida sobre a sua sanidade mental, tendo sua autoconfiança minada de maneira sutil e gradual (KOSAK, 2018). Por tais razões a identificação da violência por meio da escala permite a mulher o reconhecimento da situação de violência, que no cotidiano passa despercebido, oportunizando a mulher agir frente a essa problemática antes do agravamento da violência.

A aplicação da escala em dois grupos, onde um destes tinha histórico de situação de violência doméstica contra a mulher permitiu a comparação dos resultados e a verificação da aplicabilidade do instrumento. No quadro 7 é possível observar um comparativo de respostas entre o grupo A e o grupo B.

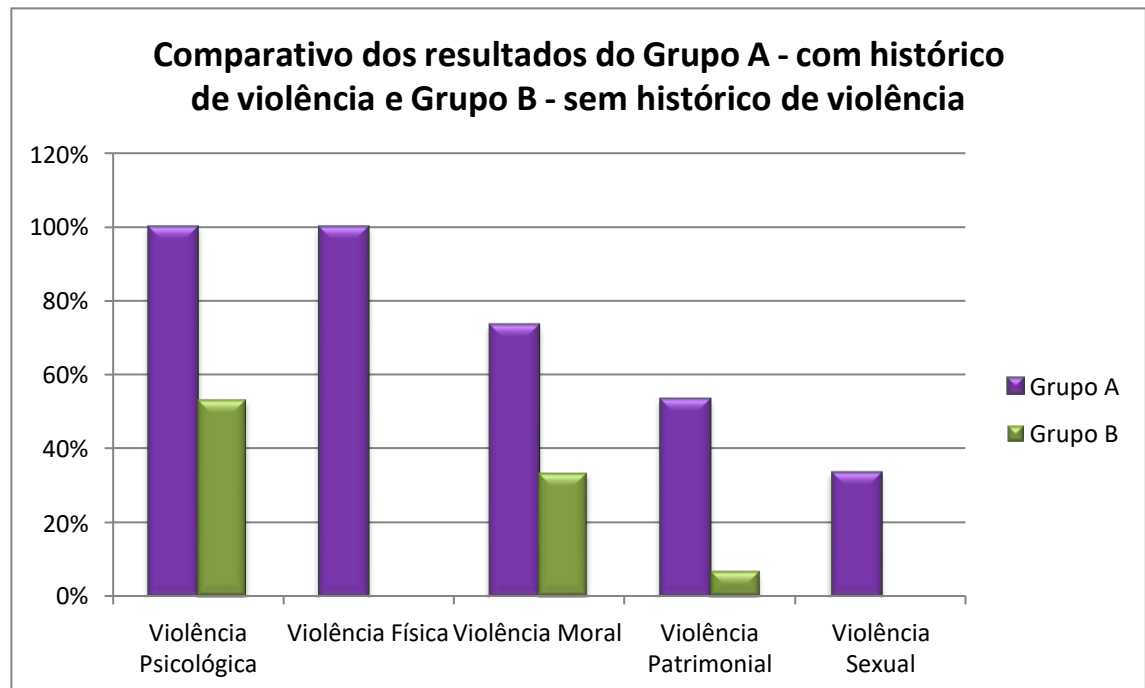
Quadro 7 – Quadro comparativos entre mulheres com histórico de violência - Grupo A e mulheres sem histórico de violência - Grupo B

Afirmativa		Grupo A	Grupo B	Total
Violência Moral	1. Ele(a) me acusa de traição, mesmo quando não há motivos para isso.	8	1	9
	2. Ele(a) fala sobre minha conduta para mim e para outras pessoas, faz críticas mentirosas, me expõe e critica.	4	1	5
	3. Ele(a) usa xingamentos para me rebaixar.	6	1	7
	4. Ele(a) me desvaloriza e me humilha pelo modo que me visto, modo de falar ou agir.	4	3	7
Violência Patrimonial	5. Ele(a) controla meu dinheiro, me impede de comprar coisas que necessito.	3	1	4
	6. Ele(a) retém meus documentos e pertences pessoais.	2	0	2

	7. Ele(a) estraga meus bens (documentos e pertences pessoais) para me punir.	4	0	4
	8. Ele(a) ameaça me expulsar de casa, caso eu o contrarie.	2	0	2
Violência Psicológica	9. Ele(a) me humilha, ridiculariza e constrange.	6	2	8
	10. Ele(a) me manipula, chantageia e coage para eu agir conforme sua vontade.	11	2	13
	11. Ele(a) me isola de meus familiares e amigos, me impede estudar, viajar e de conversar com outras pessoas.	3	2	5
	12. Ele(a) distorce os fatos para me deixar em dúvida sobre minha memória e saúde mental.	10	4	14
Violência Sexual	13. Ele(a) me obriga a manter relações sexuais contra minha vontade.	6	0	6
	14. Ele(a) me obriga a praticar atos sexuais que me causam repulsa ou desconforto (exemplo: sexo oral, sexo anal).	1	0	1
	15. Ele(a) me impede ou se nega a usar métodos anticoncepcionais.	2	0	2
	16. Ele(a) rir ou zombar da minha sexualidade ou do meu corpo, fazer declarações ofensivas, insultantes ou xingamentos em relação às minhas preferências / comportamentos sexuais.	1	0	1
Violência Física	17. Ele(a) me causou machucados, ferimentos, queimaduras.	12	0	12
	18. Ele(a) jogou objetos em mim, com a intenção de me atingir e machucar.	4	0	4
	19. Ele(a) ameaçou que irá me matar.	4	0	4
	20. Ele(a) tentou tirar minha vida.	1	0	1

Fonte: Base de dados de coleta da autora.

Gráfico 3:



Fonte: Base de dados de coleta da autora.

Os resultados demonstram que a escala atinge o objetivo de identificar indícios de violência doméstica contra a mulher, pois as pontuações do grupo A evidenciaram alto risco de exposição à violência doméstica e indicaram que estas violações manifestam-se em violência física, psicológica, moral, patrimonial e sexual. Já os resultados do grupo B, que não possuíam histórico de situação de violência doméstica indicaram baixo e médio risco de exposição, e ausência de indícios de violência doméstica.

Destaca-se que a violência psicológica foi a mais evidenciada nos resultados gerais da pesquisa, das 30 mulheres participantes do estudo 23 assinalaram uma afirmativa referente a manifestação de violência psicológica, assim 76,6% das mulheres estudadas em algum momento do seu relacionamento foram expostas a essa violação. Conforme Siqueira (2019) a violência psicológica é um fenômeno que está presente no cotidiano de muitas mulheres, independente de classe, cor, credo, escolaridade e que prejudica a qualidade de vida da mulher que vivencia essa realidade. Essa violação é difícil de ser identificada, tanto pela pessoa que está sendo violada quanto para as pessoas que a cercam, mas precisa ser reconhecida

para que possa ser cessada. Pois a violência psicológica desestabiliza a mulher, enfraquece sua autoestima e a deixa vulnerável para aceitar e até mesmo se submeter a outras manifestações da violência.

A escala estudada foi desenvolvida para contribuir na identificação e no reconhecimento de indícios de violência doméstica contra a mulher, partindo dos resultados dos grupos A e grupo B é possível considerar que a finalidade proposta foi atingida.

Considera-se então que a Escala de Indícios de Violência Doméstica Contra a Mulher mostrou-se adequada para estimar a violência contra a mulher perpetrada por seu parceiro íntimo e pode ser utilizado no aplicativo para qual a escala foi desenvolvida, pois possui consistência e capacidade de indicar as formas de violência moral, patrimonial, psicológica, física e sexual, perpetrada em contextos de relacionamento íntimo.

4.5 Desenvolvimento de Aplicativo para Dispositivo Móvel

Considerando as informações coletadas por meio da revisão rápida de literatura, onde foi possível identificar a necessidade de estudos voltados para a manifestação de violência de mulheres para a realidade brasileira. Bem como da busca aos aplicativos voltados a mulheres em situação de violência, foi desenvolvido um *software* em formato de aplicativo para dispositivo móvel, com a finalidade de informar sobre as diversas violências que as mulheres estão passíveis de sofrer bem como de orientar sobre quais medidas podem ser tomadas frente a uma suspeita de violência.

O processo de desenvolvimento de um *software* é um conjunto sequencial de ações gerenciais e técnicas colaborativas com o objetivo de gerar, especificar, projetar, implementar e testar o *software*. Para isso são usadas diversas ferramentas para o desenvolvimento do *software*, sendo que essas ferramentas suportam a edição de diferentes tipos de documentos e coordenam as informações geradas pelo projeto inicial. Com a evolução constante da tecnologia, os dispositivos móveis passam a adquirir novas funções o que permitem o acesso à novos recursos e funções (SILVA; SANTOS, 2014).

O *software* foi desenvolvido por profissional da área de tecnologia da informação, em linguagem pautada em método híbrido de desenvolvimento utilizando o Framework Flutter com a linguagem Dart. Com viabilidade para *download* em aparelhos *Android* conforme as especificações da *PlayStore*. Porém, em razão da linguagem *Web Híbrida* há a possibilidade de futura versão para *iOs*.

O aplicativo é composto por três interfaces principais, sendo a primeira composta por informações sobre violência contra a mulher, tipos de violência e ciclo da violência, apresentadas de maneira clara, objetiva e com linguagem acessível. A segunda apresenta a escala autoaplicável para identificação de violência. Por fim, há uma sessão de informações sobre onde buscar atendimentos e demais providências que podem ser tomadas frente a uma suspeita de violência.

Os textos empregados no aplicativo foram desenvolvidos exclusivamente para este fim, trata-se do gênero literário ensaio, que pretende trazer reflexão sobre um tema, sem esgotá-lo, exposto de maneira pessoal e subjetiva. São breves e situados entre poético e o didático, contendo ideias, críticas e reflexões sobre o tema (SOARES,1989).

Os ensaios apresentam-se em primeira pessoa, direcionados ao interlocutor. Essa estratégia foi usada com a finalidade de aproximar o interlocutor do tema proposto, simulando uma conversa, como se houvesse alguém falando diretamente com o interlocutor, buscando desta forma sensibilizá-lo e acolhê-lo. A produção textual está disponível nos apêndices deste trabalho.

As cores escolhidas para compor o aplicativo são as tonalidades de roxo-lilás, verde, preto e branco. Conforme Nunes (2012) as cores podem produzir a sensação de movimento em uma dinâmica envolvente, algumas experiências psicológicas provaram que há uma reação física do indivíduo diante da cor, podendo a circulação sanguínea ser amenizada ou intensificada de acordo com a exposição. Por meio da percepção da cor, e sua conseqüente recordação, é possível desencadear complexos processos de elaboração, sejam eles de prazer ou de dor, de agrado ou desagradado e de felicidade ou tristeza.

Villemor-Amaral (2013), discorre sobre a hipótese que de diferentes estados emocionais são evocados pelas cores, dependendo de suas características físicas. Tais como as emoções, as cores são estímulos que nos atingem e desencadeiam processos intelectuais para sua distinção. O verde se relaciona à esfera do contato e

dos relacionamentos afetivos e sociais, considerada como cor do *insight* e da empatia, o roxo instiga a introspecção, mas também pode estar relacionado a ansiedade, e por esta razão foram escolhidos tons mais claros, próximos ao lilás. As cores preta e branca são denominadas acromáticas, e foram incluídas na pretensão de valer-se de sua neutralidade.

O aplicativo terá o nome comercial *SouMulher*, o nome foi criado com a pretensão de despertar o empoderamento no reconhecimento de assumir ser mulher, o nome do aplicativo é complementado com o slogan *Sou forte, Sou Força Sou Mulher*.

O aplicativo não possuirá sons e músicas, isso com o intuito de mantê-lo discreto, para que a mulher possa usá-lo sem chamar atenção de um(a) possível agressor(a).

4.5.1 Levantamento de requisitos

Conforme Pressman (2011), por meio da engenharia de requisitos é possível estabelecer o que deseja ser desenvolvido em um *software*, analisando suas necessidades, avaliando a viabilidade, buscando soluções razoáveis, especificando a solução sem ambiguidades, validando a especificação e gerenciando as necessidades à medida que são transformadas em um sistema operacional. Algumas destas tarefas ocorrem em paralelo e são adaptadas às necessidades do projeto.

Dentre as tarefas necessárias para a engenharia de requisitos, uma das mais importantes é o levantamento de requisitos, que se resume em descrever objetivos, como alcançá-los a fim de atingir as necessidades propostas, e descrever como será sua execução no dia a dia. Existem dois tipos de requisitos que compõem um sistema: os Requisitos Funcionais (RF) e os Requisitos não-funcionais (RNF): os primeiros referem-se às funcionalidades que o sistema deve ter ou fazer, enquanto os requisitos não-funcionais tratam de recursos que não são funcionalidades, mas sim características do sistema, como restrições, segurança, confiabilidade, velocidade e validações (SOMMERVILLE, 2011).

A – Visão Geral do Sistema:

Um aplicativo para dispositivo móvel, cuja finalidade é identificar e orientar mulheres sobre violências e suas manifestações. Os usuários terão acesso a textos informativos sobre violência e haverá um teste para verificar indícios de violência contra a mulher e determinar a forma de manifestação dessa violência. Quando o usuário desliza a tela para a esquerda é aberto o teste com 20 afirmativas que devem ser selecionadas caso o usuário considere a afirmativa verdadeira. Cada afirmativa possui um valor e a soma dos valores selecionados indica o risco estar em situação de violência. As afirmativas estão pautadas em cinco formas de manifestação da violência contra a mulher, quatro afirmativas para cada manifestação e a seleção dessas afirmativas resulta na indicação de qual manifestação da violência a mulher está vivenciando.

B - Requisitos Funcionais:

[RF000] – O sistema deve apresentar o *slogan* do aplicativo.

Sou forte, Sou Força, Sou Mulher.

[RF001] - O sistema deve apresentar os títulos dos textos informativos, sendo possível maximizá-los para a leitura e minimizar em seguida.

Manifestações da Violência

Ele Não Vai Mudar

Amor não é...

O tabu do felizes para sempre

Será que o problema não sou eu?

Ele te trata mal, mas não sempre.

Um pouco de amor não vale a pena

Violência... Mata

Sofro violência, e agora?

[RF002] - O sistema deve apresentar uma seta na lateral direita da tela que ao ser acionada para a esquerda abre o teste.

[RF003] - O sistema deve apresentar um botão que abre uma tela que possui informações que indicam o que fazer se identificar que é vítima de violência.

[RF004] - O sistema deve apresentar as 20 afirmativas para que o usuário selecione aquelas que considerar verdadeiras para si.

1. Ele(a) me acusa de traição, mesmo quando não há motivos para isso.
2. Ele(a) fala sobre minha conduta para mim e para outras pessoas, faz críticas mentirosas, me expõe e critica.
3. Ele(a) usa xingamentos para me rebaixar.
4. Ele(a) me desvaloriza e me humilha pelo modo que me visto, modo de falar ou agir.
5. Ele(a) controla meu dinheiro, me impede de comprar coisas que necessito.
6. Ele(a) retém meus documentos e pertences pessoais.
7. Ele(a) estraga meus bens (documentos e pertences pessoais) para me punir.
8. Ele(a) ameaça me expulsar de casa, caso eu o contrarie.
9. Ele(a) me humilha, ridiculariza e constrange.
10. Ele(a) me manipula, chantageia e coage para eu agir conforme sua vontade.
11. Ele(a) me isola de meus familiares e amigos, me impede estudar, viajar e de conversar com outras pessoas.
12. Ele(a) distorce os fatos para me deixar em dúvida sobre minha memória e saúde mental.
13. Ele(a) me obriga a manter relações sexuais contra minha vontade.
14. Ele(a) me obriga a praticar atos sexuais que me causam repulsa ou desconforto (exemplo: sexo oral, sexo anal).
15. Ele(a) me impede ou se nega a usar métodos anticoncepcionais.
16. Ele(a) ri ou zomba da minha sexualidade ou do meu corpo, fazendo declarações ofensivas, insultantes ou xingamentos em relação às minhas preferências / comportamentos sexuais.
17. Ele(a) me causou machucados, ferimentos, queimaduras.
18. Ele(a) jogou objetos em mim, com a intenção de me atingir e machucar.
19. Ele(a) ameaçou que irá me matar.
20. Ele(a) tentou tirar minha vida.

[RF005] – O sistema deve calcular o risco frente ao indício de violência.

Risco inexistente.

Baixo indício de risco de exposição a violência.

Médio indício de risco de exposição a violência.

Alto indício de risco de exposição a violência.

[RF006] - O sistema deve qualificar a manifestação da violência.

Indícios de violência psicológica

Indícios de violência moral

Indícios de violência patrimonial

Indícios de violência sexual

Indícios de violência física

[RF007] - O sistema deve apresentar ao usuário a resposta do seu teste.

C- Requisitos Não Funcionais:

[RNF001] – O sistema deve ser executado na plataforma *Android*.

[RNF002] - O sistema deve possuir atalhos para que haja fluidez para os usuários.

Voltar à tela inicial, dirigir-se à escala.

4.5.2. Processo de desenvolvimento do Aplicativo

4.5.2.1. Desenvolvimento

Análise/Planejamento

- Levantamento das tecnologias a serem utilizadas
- Desenho do layout inicial o Planejamento do fluxo da informação no *App*.

Desenvolvimento

- Desenvolvimento do *layout* o Desenvolvimento da tela de *SplashScreen*.

-
- Desenvolvimento das telas com textos informativos.
 - Desenvolvimento do subsistema de teste.
 - ✓ Desenvolvimento das telas com as afirmações.
 - ✓ Desenvolvimento do algoritmo de para calcular o índice de violência.
 - ✓ Desenvolvimento do algoritmo para mostrar a qualificação da violência.
 - ✓ Desenvolvimento da tela de resultado do teste.
 - ✓ Desenvolvimento da tela de informações caso identifique violência.
- Testes
 - Fase de testes e otimização em emulador e dispositivo real.
 - Correções de eventuais erros.
 - Produto final
 - Geração do arquivo final para instalação em dispositivos.
 - Disponibilização na *Google Play*.

4.5.2.2. Cronograma para desenvolvimento do aplicativo

O prazo total de desenvolvimento foi de 90 dias, conforme cronograma abaixo apresentado na Imagem 2:

Imagem 2 – Cronograma para desenvolvimento do aplicativo



Fonte: Original da autora.

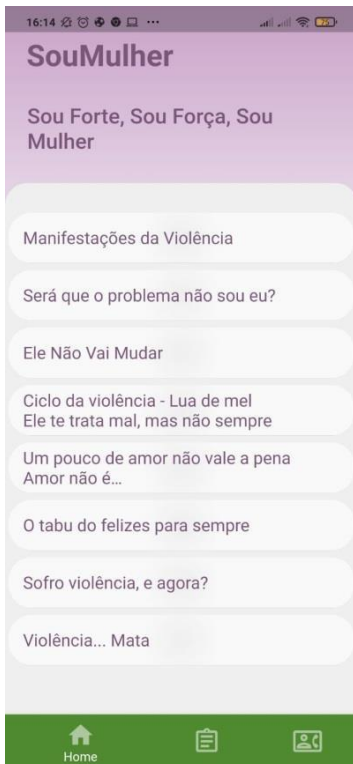
4.4.5.3. Custos

- Desenvolvimento: R\$ 1.500,00 (hum mil e quinhentos reais).
- Atualizações: Uma atualização inclusa no valor de desenvolvimento.

O valor do desenvolvimento se refere ao item 1 deste orçamento. Possíveis alterações sugeridas pela banca avaliadora estão cobertas pela atualização inclusa. Futuras atualizações serão discutidas. O custo de adesão ao programa de desenvolvedores ao *Google Play*, que dá direito a publicação do aplicativo na respectiva loja, fica a cargo do contratante. Esse é um valor único de US\$ 25,00 (vinte e cinco dólares).

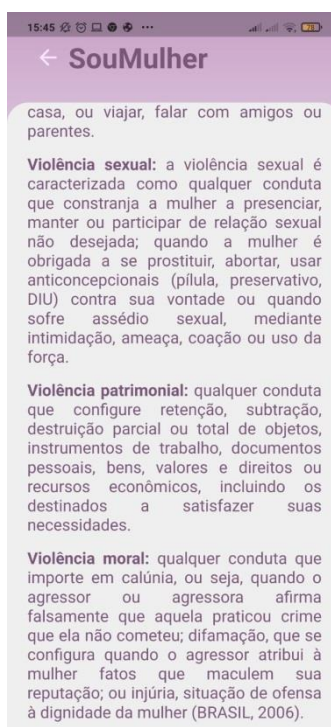
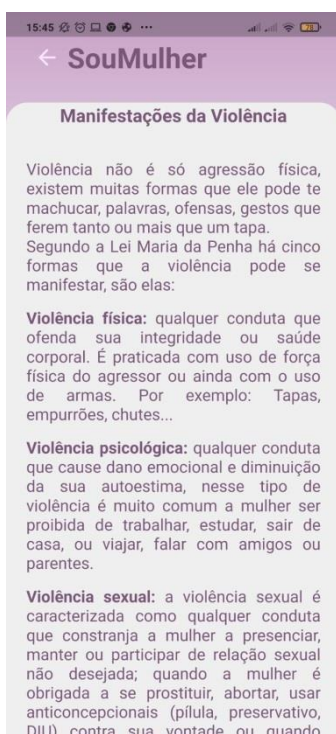
4.5.3 Telas e funcionalidades App SouMulher

Tela inicial é possível clicar nos títulos para abrir os textos informativos.

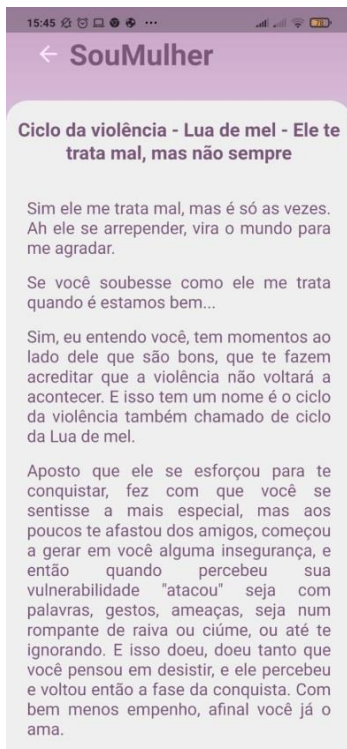


Fonte: App SouMulher

Descrição das manifestações de violência.



Texto informativo sobre o Ciclo de violência doméstica – Ciclo da Lua de Mel



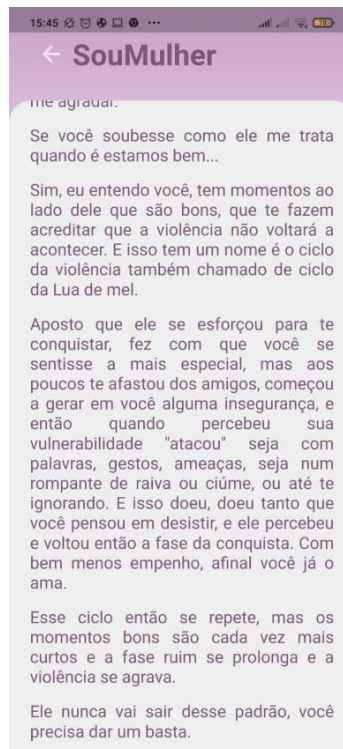
Ciclo da violência - Lua de mel - Ele te trata mal, mas não sempre

Sim ele me trata mal, mas é só as vezes. Ah ele se arrepender, vira o mundo para me agradar.

Se você soubesse como ele me trata quando é estamos bem...

Sim, eu entendo você, tem momentos ao lado dele que são bons, que te fazem acreditar que a violência não voltará a acontecer. E isso tem um nome é o ciclo da violência também chamado de ciclo da Lua de mel.

Aposto que ele se esforçou para te conquistar, fez com que você se sentisse a mais especial, mas aos poucos te afastou dos amigos, começou a gerar em você alguma insegurança, e então quando percebeu sua vulnerabilidade "atacou" seja com palavras, gestos, ameaças, seja num rompante de raiva ou ciúme, ou até te ignorando. E isso doeu, doeu tanto que você pensou em desistir, e ele percebeu e voltou então a fase da conquista. Com bem menos empenho, afinal você já o ama.



Me agradei...

Se você soubesse como ele me trata quando é estamos bem...

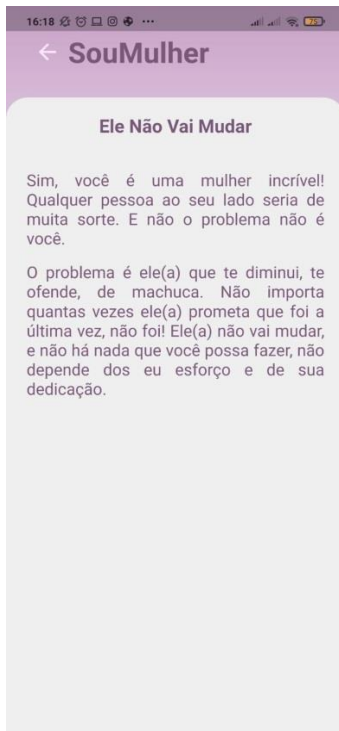
Sim, eu entendo você, tem momentos ao lado dele que são bons, que te fazem acreditar que a violência não voltará a acontecer. E isso tem um nome é o ciclo da violência também chamado de ciclo da Lua de mel.

Aposto que ele se esforçou para te conquistar, fez com que você se sentisse a mais especial, mas aos poucos te afastou dos amigos, começou a gerar em você alguma insegurança, e então quando percebeu sua vulnerabilidade "atacou" seja com palavras, gestos, ameaças, seja num rompante de raiva ou ciúme, ou até te ignorando. E isso doeu, doeu tanto que você pensou em desistir, e ele percebeu e voltou então a fase da conquista. Com bem menos empenho, afinal você já o ama.

Esse ciclo então se repete, mas os momentos bons são cada vez mais curtos e a fase ruim se prolonga e a violência se agrava.

Ele nunca vai sair desse padrão, você precisa dar um basta.

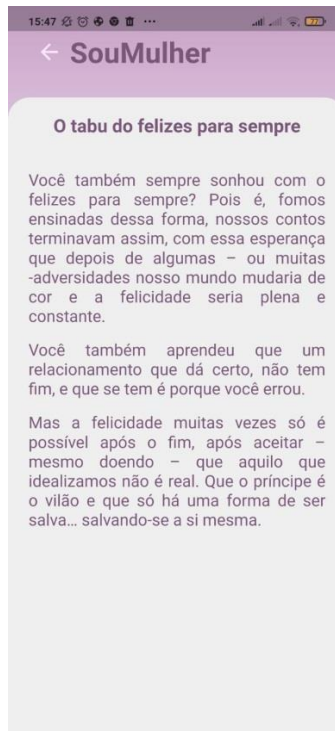
Textos informativos:



Ele Não Vai Mudar

Sim, você é uma mulher incrível! Qualquer pessoa ao seu lado seria de muita sorte. E não o problema não é você.

O problema é ele(a) que te diminui, te ofende, de machuca. Não importa quantas vezes ele(a) prometa que foi a última vez, não foi! Ele(a) não vai mudar, e não há nada que você possa fazer, não depende dos eu esforço e de sua dedicação.



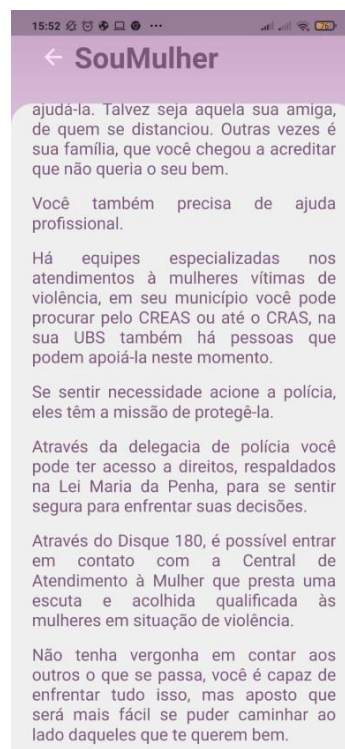
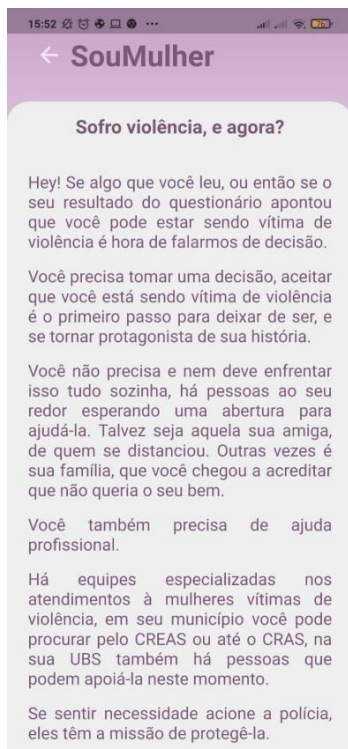
O tabu do felizes para sempre

Você também sempre sonhou com o felizes para sempre? Pois é, fomos ensinadas dessa forma, nossos contos terminavam assim, com essa esperança que depois de algumas – ou muitas -adversidades nosso mundo mudaria de cor e a felicidade seria plena e constante.

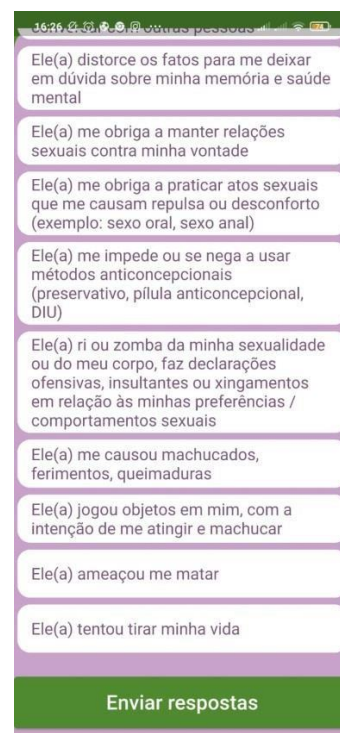
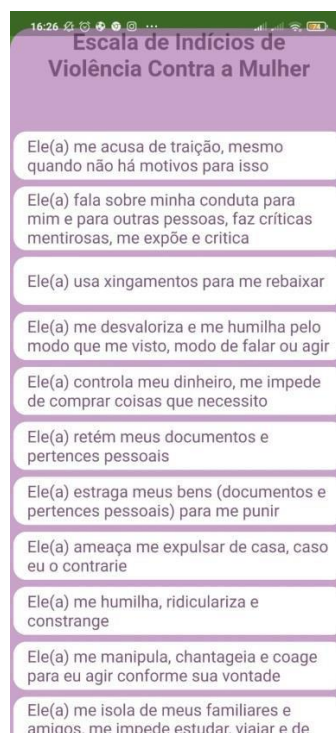
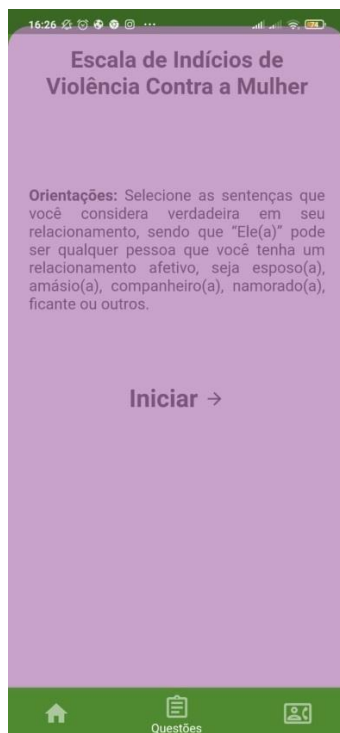
Você também aprendeu que um relacionamento que dá certo, não tem fim, e que se tem é porque você errou.

Mas a felicidade muitas vezes só é possível após o fim, após aceitar – mesmo doendo – que aquilo que idealizamos não é real. Que o príncipe é o vilão e que só há uma forma de ser salva... salvando-se a si mesma.

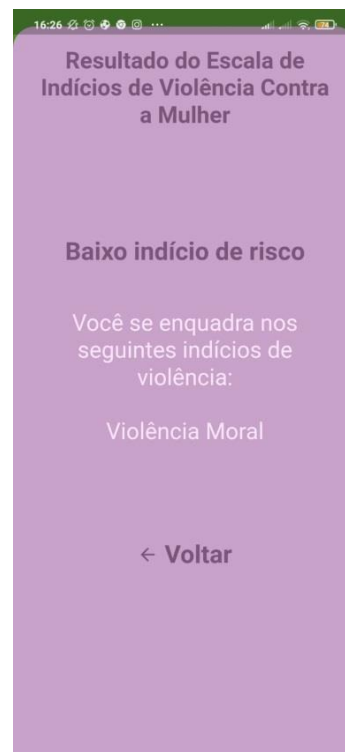
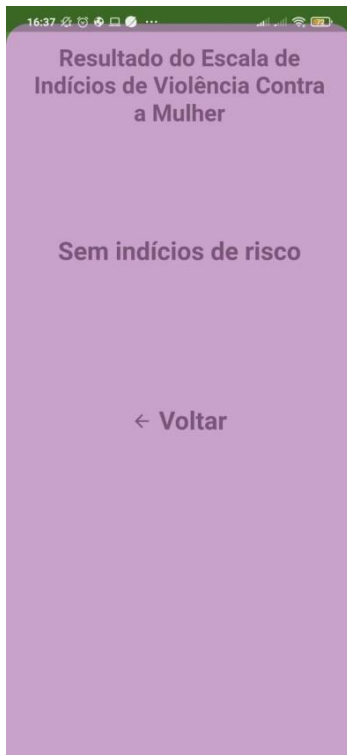
Onde buscar ajuda frente ao reconhecimento da violência:



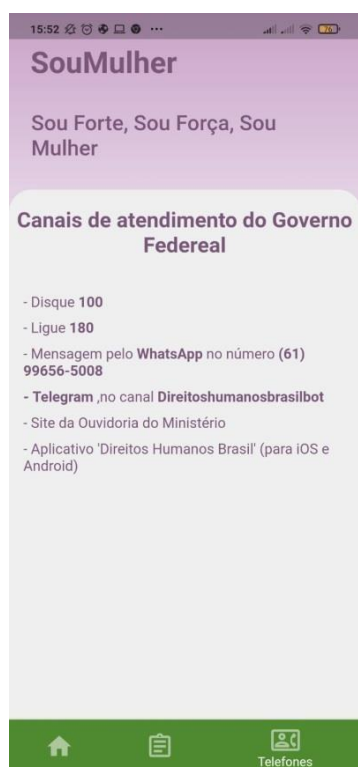
Telas da Escala



Resultados da escala:



Canais de atendimento do Governo Federal:



5. ADERÊNCIA

O principal objetivo desse aplicativo foi sensibilizar mulheres em situação de violência doméstica para buscarem atendimento junto aos serviços das políticas públicas frente a qualquer indício ou suspeita de agressões visíveis ou invisíveis. Oportunizando-se assim a prevenção contra o agravamento da violência. Considerando que promover saúde é olhar para os comportamentos dos indivíduos e para o meio em que vivem a fim de ofertar estratégias de melhoria de qualidade de vida e conseqüentemente prevenindo o adoecimento físico e mental.

Sendo assim, o produto proposto enquadra-se nas prerrogativas da área de práticas e saberes na atuação interdisciplinar, promoção e inovação para a saúde, bem como na linha de pesquisa: Ciência, Tecnologia e Saúde.

6. IMPACTO

Os impactos esperados após a disponibilização do aplicativo serão imediatos, na vida das mulheres que terão acesso ao conteúdo, bem como pretende-se

impactar as políticas públicas de atendimento às mulheres em situação de violência, no sentido de aumentar a procura por estes serviços.

O aplicativo para dispositivo móvel será lançado gratuitamente no Brasil, por meio da *PlayStore*, e pode alcançar países da língua portuguesa, prospectando assim, alcance internacional.

A criação do aplicativo pautou-se na necessidade de ofertar formas de reconhecimento da violência e de empoderamento para a tomada de decisão necessária frente a uma situação de violência.

7. APLICABILIDADE

Este aplicativo necessita de divulgação, tanto por meio virtual: sendo possível divulgar por meio de redes sociais; ou ser divulgada de maneira presencial, em eventos para esta finalidade em universidades e instituições que combatem a violência contra a mulher. Aplica-se, neste primeiro momento, às mulheres alfabetizadas, e com acesso a dispositivos móveis.

O aplicativo, como citado, estará disponível para aquisição gratuita na *PlayStore* para dispositivos móveis *Android*. Portanto, a finalidade primária do produto será alcançada logo após seu lançamento. Considera-se que a abrangência seja mediana, necessitando de divulgação para ampliação.

8. INOVAÇÃO

Como já exposto na busca de aplicativos voltados a mulheres em situação de, existem opções de aplicativos voltados às mulheres potencialmente em situação de violência, este seria o primeiro aplicativo no Brasil com uma escalade indícios de violência, que indica o risco a qual a mulher está exposta e determina a forma que esta violação se manifesta, podendo ser por meio de violência moral, violência patrimonial, violência psicológica, violência sexual ou violência física.

Contudo, pode ser considerada uma produção com médio teor inovativo, pois combina informações sobre as violências e suas manifestações, com a

Escala de Indícios de Violência contra a Mulher, produzido especificamente para este fim.

9. COMPLEXIDADE

A complexidade do produto está associada à necessidade da atuação de profissionais de outras áreas de conhecimento para a elaboração tecnológica do aplicativo para dispositivo móvel. Portanto, trata-se de produção com média complexidade, que resulta da combinação de conhecimentos da psicologia, saúde integral e sistemas de informação, que permitem a criação e desenvolvimento do aplicativo para dispositivo móvel.

Quanto a criação e validação da Escala de Identificação de Violência Contra a Mulher considera-se que sua complexidade seja de média complexidade, pois envolveu a participação de diversos profissionais em suas diferentes áreas. A Revisão Rápida, por tratar-se de produto que não depende outros profissionais, tampouco outras áreas de conhecimento considera-se de baixa complexidade.

10. PRODUTOS ESCOLHIDOS E RESULTADOS

10.1. Capítulo de Livro: Instrumentos para Identificação de Violência Contra a Mulher: Uma revisão Rápida de Literatura

A produção científica foi desenvolvida com a finalidade de divulgar os resultados que demonstravam a necessidade de se desenvolver um instrumento de rastreio relacionado à violência doméstica contra a mulher que especifique as formas de manifestação da violência.

Foi publicado em setembro de 2021 no livro Estudos Interdisciplinares em Promoção da Saúde. Disponível no apêndice deste trabalho.

10.2. Escala de Identificação de Indícios de Violência Contra a Mulher

Criação e validação, da Escala de Indícios de Violência Contra a Mulher que possibilitou a identificação de violências contra as mulheres em suas múltiplas faces, ou seja, rastrear as violências que muitas vezes não são identificadas nem pela própria mulher, principalmente as violências não visuais, como a violência moral, psicológica e patrimonial.

10.3. Aplicativo para dispositivo móvel - *SouMulher*

O aplicativo para dispositivo móvel – *SouMulher*, desenvolvimento de aplicativo que possibilitasse ao maior número possível de mulheres o preenchimento da escala de indícios de violência contra a mulher e principalmente que as estimulasse a buscar apoio para a superação da violência.

11. APORTES FINAIS

A violência doméstica contra a mulher é uma problemática emergente no Brasil e no mundo, desta forma destaca-se a necessidade de ações de prevenção e combate a essa violação, tais atitudes precisam partir do estado, dos bancos acadêmicos e de toda a sociedade, para que juntos possa-se alcançar resultados, resgatando vidas de mulheres aprisionadas em ciclos de violência. Divulgar informações claras sobre a violência e suas manifestações visíveis e não visíveis, classificar e exemplificar cada um dos tipos de violência pode ajudar na hora de identificar uma situação violenta e abusiva. Conhecer o assunto faz parte de um longo caminho rumo à prevenção e à erradicação da violência contra as mulheres, contribuindo no reconhecimento e tomada de decisão. Assim, destaca-se que o Aplicativo *SouMulher* representa uma, das inúmeras estratégias necessárias para o enfrentamento da violência.

A fim de ser desenvolvido um produto com relevância social e inovativo, foi necessário certificar que não havia aplicativos semelhantes ao proposto, pois seria irrelevante disponibilizá-lo se já houvesse algo. Assim, por meio de busca na *GooglePlay*, verificou-se que havia uma lacuna nos produtos disponíveis à

problemática da violência doméstica contra a mulher, e o foco do desenvolvimento do aplicativo *SouMulher* foi ofertar a sociedade um produto que preenchesse esse espaço.

Ao se pensar em oferecer no aplicativo *SouMulher* um meio de identificação de violência doméstica contra a mulher, foi necessário levantar qual instrumento já publicado poderia suprir com essa demanda. Para conhecer os instrumentos de rastreio de violência doméstica contra a mulher foi realizado um levantamento bibliográfico por meio da metodologia de Revisão Rápida, em que se concluiu que não havia um meio de rastreio que aplacasse os critérios de estimativa de risco e indicação de forma de manifestação da violência, sendo então necessário produzir este instrumento.

O processo de criação do instrumento de rastreio de violência doméstica oportunizou a criação da Escala de Identificação de Violência Contra a Mulher, pautada na Lei Maria da Penha a escala determina a manifestação de violência – moral, patrimonial, psicológica, sexual e física - a qual a mulher pode estar exposta bem como o índice de risco – ausente, baixo risco, médio risco e alto risco – que pode estar submetida.

Os estudos realizados subsidiaram o desenvolvimento do aplicativo *SouMulher*, que possui uma finalidade simples oportunizar um meio de identificação da violência doméstica, informações claras e acessíveis sobre a violência contra a mulher e indicações de serviços que ofertam atendimentos às mulheres expostas a estas violações.

Identificar a violência é um pequeno passo de um longo caminho que uma mulher que vive essa situação deve percorrer para romper com o ciclo da violência, no entanto sem este primeiro passo, sem o reconhecimento da identificação não há meios de enfrentar essa problemática. Ressalta-se, que o aplicativo pretende instigar a mulher, que ao menor sinal de violência aja para combater e prevenir o agravamento da situação, no sentido de buscar apoio profissional e técnico para tomada de decisão.

O enfrentamento à violência deve ser um exercício diário e perpétuo, somente a partir da difusão de conhecimentos sobre essa violação pode-se alcançar mais vidas. É imprescindível que para isso continuem sendo feitos estudos, pesquisas e

principalmente divulgações de materiais voltados às mulheres em situação de violência, aos autores das violências e a toda a sociedade.

12. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dulcielly Nóbrega de. **Violência contra a mulher** [recurso eletrônico] / Dulcielly Nóbrega de Almeida, Giovana Dal Bianco Perlin, Luiz Henrique Vogel. Alessandra Nardoni Watanabe (org.). – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2020. **Disponível no site** = <https://livraria.camara.leg.br/violencia-contra-mulher_>. Acessado em: 05/09/2021.

BARRA, Daniela Couto Carvalho *et al.* Métodos para Desenvolvimento de Aplicativos Móveis em Saúde: revisão integrativa da literatura. **Texto & Contexto - Enfermagem** [online]. 2017. **Disponível no site** = <<https://www.scielo.br/j/tce/a/M3ZvQ3YrvbBb4p7n749JwLv/?lang=pt>>. Acessado em: 05/10/2021.

BORIN, T. B. **Violência doméstica contra a mulher: percepções sobre violência em mulheres agredidas**. 2007. 146 p. Dissertação (mestrado em Ciências) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007. **Disponível no site** = <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-30092008-125835/publico/Thaisa.pdf>>. Acessado em: 05/01/2022.

BRASIL. **Lei nº 11.340/2006: Lei Maria da Penha** de 7 de agosto de 2006 Brasília: Senado, 2006. **Disponível no site** = <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acessado em: 10/07/2021.

_____. **Lei nº 12.737/2012: Lei Carolina Dieckmann**. Brasília: Senado, 2012. **Disponível no site** = <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12737.htm>. Acessado em: 18/01/2022.

_____. **Lei nº 12.845/2013: Lei do Minuto Seguinte.** Brasília: Senado, 2013. Disponível no site = <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12845.htm>. Acessado em: 18/01/2022.

_____. **Lei nº 13.104/2015: Lei do Femicídio.** Brasília: Senado, 2015. Disponível no site = <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm>. Acessado em: 18/01/2022.

_____. **Lei nº 14.245/2021: Lei Mariana Ferrer.** Brasília: Senado, 2021. Disponível no site = <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Lei/L14245.htm>. Acessado em: 18/01/2022.

_____. **Lei nº 14.123/2021: Lei Crime de Perseguição.** Brasília: Senado, 2021. Disponível no site = <[http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14132.htm#:~:text=LEI%20N%C3%82%C2%BA%2014.132,%20DE%2031,\(Lei%20das%20Contraven%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%B5es%20Penais\)>](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14132.htm#:~:text=LEI%20N%C3%82%C2%BA%2014.132,%20DE%2031,(Lei%20das%20Contraven%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%B5es%20Penais)>)>. Acessado em: 18/01/2022.

_____. **Lei nº 14.188/2021: Lei de cooperação Sinal Vermelho contra a Violência Doméstica.** Brasília: Senado, 2021. Disponível no site = <[https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.188-de-28-de-julho-de-2021-334902612#:~:text=Art.%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20define,dezembro%20de%201940%20\(C%C3%B3digo%20Penal\)>](https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.188-de-28-de-julho-de-2021-334902612#:~:text=Art.%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20define,dezembro%20de%201940%20(C%C3%B3digo%20Penal)>)>. Acessado em: 18/01/2022.

_____. Conselho Federal de Enfermagem. **Diretrizes para elaboração de Protocolos de Enfermagem na Atenção Primária à Saúde pelos Conselhos Regionais/** Conselho Federal de Enfermagem — Brasília: COFEN, 2018. Disponível no site = <<http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2019/03/Diretrizes-para-elabora%C3%A7%C3%A3o-de-protocolos-de-Enfermagem-.pdf>>. Acessado em 28/09/2021.

_____. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública.** 2020. Disponível no site =

<<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/02/anuario-2020-final-100221.pdf>>. Acessado em: 31/07/2021.

CALLOU, R. C. M., MAGALHÃES, B. de C., & ALBULQUERQUE, G. A. (2021). **Disponível no site =** Violência doméstica: construções, repercussões e manutenção. *Revista Saúde.Com*, 17(2). **Disponível no site =** <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/7528>>. Acessado em: 13/01/2022.

CASIQUE CASIQUE, Leticia. FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. *Violence against women: theoretical reflection*. **Rev Latino Enfermagem**. México, 2006. **Disponível no site=** <www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17294031>. Acessado em: 17/12/2021.

COSTA, Daniela Anderson Carvalho et al. Assistência Multiprofissional à Mulher Vítima de Violência: Atuação de profissionais e dificuldades encontradas. **Cogitare Enfermagem**, [S.l.], v. 18, n. 2, jun. 2013. ISSN 2176-9133. **Disponível no site =** <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/29524/20694>>. Acesso em: 30 ago.2021.

DAHLBERG, Linda L. and KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**. 11(sup) 1163-1178, 2007. Acessado em: 10/07/2021 **Disponível no site =** <<https://www.scielo.br/j/csc/a/jGnr6ZsLtwkhvdkrdhfpcdw/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. **Disponível no site =** <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>>. Acessado em 31/07/2021.

HIJAR, Martha; AVILA-BURGOS, Leticia; VALDEZ-SANTIAGO, Rosario. ¿Cuándo utilizan servicios de salud las mujeres que viven en condiciones de violencia de pareja?. **Salud Ment**, México, v. 29, n. 6, p. 57-64, dic. 2006. **Disponível no site =** <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-33252006000600057&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 10/07/2021.

KOSAK, Mirian Maria; PEREIRA, Deivdy Borges; INÁCIO, Adrielle Andreia. **Gaslighting e mansplaining: as formas da violência psicológica.** In: Simpósio Gênero e Políticas Públicas. Londrina, 2018. **Disponível no site** = <<http://anais.uel.br/portal/index.php/SGPP/article/view/1030/916>>. Acessado em 20/12/2021.

LISBOA, Manuel; TEIXEIRA, Ana Lúcia; PASINATO, Wânia. Formulário de Risk Assessment para o CNVD: um instrumento para o enfrentamento da violência doméstica contra a mulher. **Diálogos União Europeia – Brasil.** 2019. **Disponível no site** = <<http://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2019/04/Formulario-de-Risco-para-o-CNVD-Relato%CC%81rio-final-1-pdf.pdf>>. Acessado em: 13/07/2021.

MAPA DA VIOLÊNCIA, 2018. Câmara dos Deputados. **Disponível no site** = <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/comissao-de-defesa-dos-direitos-da-mulher-cmulher/arquivos-de-audio-e-video/MapadaViolenciaatualizado200219.pdf>>. Acessado em: 09/05/2021.

MOREIRA, Iara Duarte. PONCIO, Thiara. DAMASCENO, Márcio. Violência Doméstica: uma problemática de saúde pública. **Brazilian Journal of Development.** Curitiba, 2020. **Disponível no site** = <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/16750/13678>>. Acessado em: 11/12/2021.

NAVARRO-GUZMÁN, Capilla. FERRER- PÉREZ, Victoria Aurora. BOSCH-FIOL, Esperanza. El acoso sexual en el ámbito universitario: análisis de una escala de medida. **Universitas Psychologica**, vol. 15, núm. 2, pp. 15-25, 2016. Pontificia Universidad Javeriana. **Disponível no site** = <<https://www.redalyc.org/journal/647/64748716022/html/>>. Acessado em: 11/07/2021.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa – características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, SÃO PAULO, V.1, Nº 3, 2º SEM./ 1996 **Disponível no site** = <https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf>. Acessado em: 23/04/2021.

NUNES, Ana Camila Nobre Xavier. **INFORMAÇÃO ATRAVÉS DA COR. A Construção Simbólica Psicodinâmica das Cores na Conceção do Produto. *ModaPalavra e periódico*** [en linea]. 2012. **Disponível no site =** <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514053939004>>. Acessado em: 03/06/2021.

ONAT, Güliz. "Development of a scale for determining violence against infertile women: a scale development study." **Reproductive health** vol. 11,1 18. 28 Feb. 2014. **Disponível no site =** <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4122111/>>. Acessado em: 11/07/2021.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. World report on violence and health Genebra (SWT): OMS, 2002. **Disponível no site =** <https://www.who.int/whr/2001/en/whr01_djmessage_po.pdf>. Acessado em: 03/06/2021.

PARANJAPE, Anuradha. RODRÍGUEZ, Michael. GAUGHAN, John. KASLOW, Nadine J. *Psychometric Properties of a New Scale to Assess Family Violence in Older African American Women: The Family Violence Against Older Women (FVOW) Scale. Violence Against Women*. 2009 15:1213. **Disponível no site =** <https://www.researchgate.net/publication/26770281_Psychometric_Properties_of_a_New_Scale_to_Assess_Family_Violence_in_Older_African_American_Women_The_Family_Violence_Against_Older_Women_FVOW_Scale>. Acessado em 11/07/2021.

PIMENTA, C. A. M. *et al.* **Guia para construção de protocolos assistenciais enfermagem/COREN-SP**. São Paulo: Coren-SP, 2015. **Disponível no site =** <<http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/Guia-para-Constru%C3%A7%C3%A3o-de-Protocolos-Assistenciais-de-Enfermagem.pdf>>. Acessado em 27/08/2021.

PRESSMAN, Roger S. **Engenharia de Software**. 7 ed. AMGH. Porto Alegre, 2011.

RAMOS, Altina; FARIA, Paulo M.; FARIA, Àdila. Revisão sistemática de literatura: contributo para a inovação na investigação em Ciências da Educação. 2014. **Disponível no site** = <file:///C:/Users/elian/AppData/Local/Temp/2269-3739-1-SM.pdf> Acessado em: 05 de maio de 2021.

RODRIGUEZ, Eva Ma. et al . Experiencias de violencia física ejercida por la pareja en las mujeres en reclusión. **Salud Ment**, México, v. 29,n. 2,p. 59-67, abr. 2006 . **Disponível no site** = <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-33252006000200059&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 11/07/2021.

SCHRAIBER, Lilia; D'OLIVEIRA, Ana Flávia. **O que devem saber os profissionais de saúde para promover os direitos e a saúde das mulheres em situação de violência doméstica**. 2. ed. São Paulo: Faculdade de Medicina da USP, 2003. **Disponível no site** = <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&expSearch=349447&indexSearch=ID>>. Acessado em 02/10/2021.

SILVA, M. M. DA; SANTOS, M. T. P. **Os Paradigmas de Desenvolvimento de Aplicativos para Aparelhos Celulares**. T.I.S - Tecnologias, Infraestrutura e Software - UFSCar, 2014. **Disponível no site** = <revistatis.dc.ufscar.br/index.php/revista/article/view/86/80#>. Acessado em 09/11/2021.

SILVA, Fernanda Robert de Carvalho Santos; YOSHIDA, Elisa Medici Pizão. Questionário de Relacionamento Central 6.0 - CRQ 6.0: estudo exploratório de validade com mulheres vítimas de violência. **Aval. psicol.**, Porto Alegre , v. 8,n. 3,p. 405-414,dez. 2009. **Disponível no site** = <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 11/07/2021.

SILVA, A. F. C.; ALVES, C. G.; MACHADO, G. D.; MEINE, I. R.; SILVA, R. M. da; CARLESSO, J. P. P. Violência doméstica contra a mulher: contexto sociocultural e saúde mental da vítima. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 3, p.

e35932363, 2020. **Disponível no site=** <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/2363>>. Acessado em: 23/12/2021.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1989. **Disponível no site=** <<http://bds.unb.br/handle/123456789/290>>. Acessado em: 28/07/2021.

SOMMARIVA, Salete Silva; HUGILL, Michelle de Souza Gomes. **GÊNERO BATE À PORTA DO JUDICIÁRIO**: Aplicando o Formulário Nacional de Avaliação de Risco. Edição Eletrônica. Florianópolis, 2020. **Disponível no site =** <<https://www.tjsc.jus.br/documents/715064/737057/E-book+G%C3%AAnero+bate+%C3%A0+porta+do+Judici%C3%A1rio/3c6a055a-2a75-7bb3-fb10-4a6e8fa9cb88>>. Acessado em: 13/07/2021.

SOMMERVILLE, Ian. **Engenharia de Software**. Tradução Ivan Bosnic e Kalinka G. de O. Gonçalves; revisão técnica Kechi Hirama. 9. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

SOUZA, Crislayne Fátima de. Et al. Desenvolvendo um modelo de revisão rápida para graduação em Educação Física. **Caderno de Educação Física e Esporte**, 2020. **Disponível no site =** <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/23771/pdf>>. Acessado em: 13/07/2021.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher**. Editora Brasiliense, 2017.

TIBES, Chris Mayara dos Santos; DIAS Jessica David; ZEM-MASCAREMAS, Silvia Helena. Aplicativos móveis desenvolvidos para a área da saúde no Brasil: revisão integrativa da literatura. **Revista Mineira de Enfermagem REME**, 2014. **Disponível no site =** <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/940>>. Acessado em 09/11/2021.

TOMA, S. Tereza. Uma revisão rápida sobre revisões rápidas. Políticas de Saúde

Informadas por Evidências, 2016. **Disponível no site =**
<<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/11/1024137/bis-v17n1-politicas-de-saude-142-151.pdf>>. Acessado em 09/08/2021.

VALDEZ-SANTIAGO, Rosario (*et al*) . Escala de violencia e índice de severidad: una propuesta metodológica para medir la violencia de pareja en mujeres mexicanas. **Salud pública Méx**, Cuernavaca , v. 48,supl. 2,p. s221-s231, enero 2006 . **Disponível no site =**
<http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0036-36342006000800002&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 11/07/2021.

VALDEZ-SANTIAGO, Rosario (*et al*) . Violencia de género y otros factores asociados a la salud emocional de las usuarias del sector salud en México. **Salud pública Méx**, Cuernavaca, v. 48,supl. 2,p. s250-s258, enero 2006 . **Disponível no site =**
<http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0036-36342006000800005&lng=es&nrm=iso>. Acessado em: 11/07/2021.

VALDEZ-SANTIAGO, R.; RUIZ-RODRIGUEZ, M. Violencia doméstica contra las mujeres: ¿cuándo y cómo surge como problema de salud pública? **Salud Pública de México**, v. 6, n. 51, p. 505-511, 2009. **Disponível no site =**
<http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0036-36342009000600009>. Acessado em 10/07/2021.

WALKER, Lenore E. **The battered woman syndrome**. 3. ed. New York: Springer Publishing Company, 2009.

WERNECK, Marcos Azeredo Furkim **Protocolo de cuidados à saúde e de organização do serviço**. Belo Horizonte: Nescon/UFMG, Coopmed, 2009. **Disponível no site =**
<<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/1750.pdf>>. Acessado em: 30/08/2021.

Consulta aos Sites:

-
1. <http://www.scielo.br/?lng=pt>
 2. <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed>
 3. <https://scholar.google.com.br/>
 4. <https://play.google.com/store>
 5. <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>

APÊNDICES

APÊNDICE I – Escala

Escala de Indícios de Violência Contra a Mulher

Orientações: Selecione as sentenças que você considera verdadeira em seu relacionamento, sendo que “*Ele(a)*” pode ser qualquer pessoa que você tenha um relacionamento afetivo, seja esposo(a), amásio(a), companheiro(a), namorado(a), ficante ou outros:

- 1.() Ele(a) me acusa de traição, mesmo quando não há motivos para isso.
- 2.() Ele(a) fala sobre minha conduta para mim e para outras pessoas, faz críticas mentirosas, me expõe e critica.
- 3.() Ele(a) usa xingamentos para me rebaixar.
- 4.() Ele(a) me desvaloriza e me humilha pelo modo que me visto, modo de falar ou agir.
- 5.() Ele(a) controla meu dinheiro, me impede de comprar coisas que necessito.
- 6.() Ele(a) retém meus documentos e pertences pessoais.
- 7.() Ele(a) estraga meus bens (documentos e pertences pessoais) para me punir.
- 8.() Ele(a) ameaça me expulsar de casa, caso eu o contrarie.
- 9.() Ele(a) me humilha, ridiculariza e constrange.
- 10.() Ele(a) me manipula, chantageia e coage para eu agir conforme sua vontade.
- 11.() Ele(a) me isola de meus familiares e amigos, me impede estudar, viajar e de conversar com outras pessoas.
- 12.() Ele(a) distorce os fatos para me deixar em dúvida sobre minha memória e saúde mental.
- 13.() Ele(a) me obriga a manter relações sexuais contra minha vontade.
- 14.() Ele(a) me obriga a praticar atos sexuais que me causam repulsa ou desconforto (exemplo: sexo oral, sexo anal).
- 15.() Ele(a) me impede ou se nega a usar métodos anticoncepcionais.
- 16.() Ele(a) ri ou zomba da minha sexualidade ou do meu corpo, fazer declarações ofensivas, insultantes ou xingamentos em relação às minhas preferências / comportamentos sexuais.
- 17.() Ele(a) me causou machucados, ferimentos, queimaduras.
- 18.() Ele(a) jogou objetos em mim, com a intenção de me atingir e machucar.
- 19.() Ele(a) ameaçou que irá me matar.
- 20.() Ele(a) tentou tirar minha vida.

APÊNDICE II – Documento de validação da Escala

Centro Universitário UniGuairacá Mestrado Profissional em Promoção da Saúde – Turma 2020-2022

Mestranda: Mariana Lucht Carneiro Abi

Orientador: Prof Dr. Deoclécio Rocco Gruppi

Validação da Escala de Indícios de Violência Contra a Mulher

A Escala de Indícios de Violência Contra a Mulher é um instrumento que pretende identificar possíveis violências e suas manifestações. Ela será parte de um aplicativo para aparelhos móveis de identificação e orientação voltado a mulheres vítimas de violência, este aplicativo será o produto final do Mestrado Profissional de Promoção da Saúde da Universidade UniGuairacá, turma 2020-2022.

Este questionário foi elaborado a partir das diretrizes da Lei Maria da Penha - Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006, que elenca cinco formas de manifestação da violência, sendo elas: Violência Moral, Violência Patrimonial, Violência Psicológica, Violência Sexual e Violência Física.

O instrumento é composto por vinte perguntas, e dividido em cinco blocos que determinam as formas que a violência se apresenta. Os blocos foram elencados levando em consideração a gravidade das violências, com o objetivo de oportunizar à mulher que responderá à escala poder acessar as memórias de forma gradativa, contribuindo na fidedignidade das respostas. Cada afirmativa possui um valor, e as somatórias determinam o risco ao qual a mulher está exposta.

A classificação de risco se dá a partir da contagem de pontos, conforme mostra a tabela:

Classificação de risco:	Pontuação:
Sem indícios de risco	0
Baixo índice de risco	Até 09 pontos
Médio índice de risco	De 10 à 19 pontos
Alto índice de risco	Acima de 20 pontos

A partir deste documento pretendemos validar o uso da escala para ser incluída no aplicativo já citado. Para isso solicitamos que o profissional que avaliará

a escala leia com atenção as afirmativas, considerando se são viáveis para a finalidade e se os valores de cada afirmativa são coerentes, ou se há necessidade de alteração. Para isso há ao lado de do valor de cada sentença uma lacuna para sugestão, que deve ser preenchida somente se considerar necessário.

Solicitamos ainda que caso considerar alguma afirmativa imprópria para a finalidade, faça os apontamentos necessários para a correção.

A seguir apresentamos a versão da escala com a finalidade da validação, e em seguida a versão apresentada ao usuário. Para melhor compreensão do profissional avaliador, as afirmativas serão apresentadas nos blocos, porém na apresentação ao usuário da escala não há esta divisão.

Escala de Indícios de Violência Contra a Mulher – Versão validação

Bloco I – Violência Moral

Objetivos: Identificar se há indícios de violência moral, através de condutas que configurem calúnia, difamação ou injúria.

1. Ele(a) me acusa de traição, mesmo quando não há motivos para isso. (Valor: 01) *Sugestão de pontuação (_____)*
2. Ele(a) fala sobre minha conduta para mim e para outras pessoas, faz críticas mentirosas, me expõe e critica. (Valor: 01) *Sugestão de pontuação (_____)*
3. Ele(a) usa xingamentos para me rebaixar. (Valor: 01) *Sugestão de pontuação (_____)*
4. Ele(a) me desvaloriza e me humilha pelo modo que me visto, modo de falar ou agir. (Valor: 01) *Sugestão de pontuação (_____)*

Bloco II – Violência Patrimonial

Objetivos: Identificar se há indícios de violência patrimonial, através de condutas que configurem retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.

5. Ele(a) controla meu dinheiro, me impede de comprar coisas que necessito. (Valor: 01) *Sugestão de pontuação (_____)*
6. Ele(a) retém meus documentos e pertences pessoais. (Valor: 02) *Sugestão de pontuação (_____)*
7. Ele(a) estraga meus bens (documentos e pertences pessoais) para me punir.

(Valor: 02) *Sugestão de pontuação* (_____)

8. Ele(a) ameaça me expulsar de casa, caso eu o contrarie. (Valor: 02) *Sugestão de pontuação* (___)

Bloco III – Violência Psicológica

Objetivos: Identificar se há indícios de violência psicológica considerada qualquer conduta que: cause dano emocional e diminuição da autoestima; prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da mulher; ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões.

9. Ele(a) me humilha, ridiculariza e constrange. (Valor: 01) *Sugestão de pontuação* (___)

10. Ele(a) me manipula, chantageia e coage para eu agir conforme sua vontade. (Valor: 02) *Sugestão de pontuação* (___)

11. Ele(a) me isola de meus familiares e amigos, me impede estudar, viajar e de conversar com outras pessoas. (Valor: 02) *Sugestão de pontuação* (___)

12. Ele(a) distorce os fatos para me deixar em dúvida sobre minha memória e saúde mental. (Valor: 02) *Sugestão de pontuação* (___)

Bloco IV – Violência Sexual

Objetivos: Identificar se há indícios de violência sexual, trata-se de qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força.

13. Ele(a) me obriga a manter relações sexuais contra minha vontade. (Valor: 05) *Sugestão de pontuação* (_____)

14. Ele(a) me obriga a praticar atos sexuais que me causam repulsa ou desconforto (exemplo: sexo oral, sexo anal). (Valor: 05) *Sugestão de pontuação* (___)

15. Ele(a) me impede ou se nega a usar métodos anticoncepcionais. (Valor: 05) *Sugestão de pontuação* (_____)

16. Ele(a) ri ou zomba da minha sexualidade ou do meu corpo, faz declarações ofensivas, insultantes ou xingamentos em relação às minhas preferências / comportamentos sexuais. (Valor: 05) *Sugestão de pontuação* (___)

Bloco V – Violência Física

Objetivos: Identificar se há indícios de violência física, configurada como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher.

17. Ele(a) me causou machucados, ferimentos, queimaduras. (Valor: 10) *Sugestão*

de pontuação (____)

18. Ele(a) jogou objetos em mim, com a intenção de me atingir e machucar. (Valor: 10) *Sugestão de pontuação* (____)

19. Ele(a) ameaçou me matar. (Valor: 20) *Sugestão de pontuação* (____)

20. Ele(a) tentou tirar minha vida. (Valor: 20) *Sugestão de pontuação* (____)

APENDICE III – Escala de Indícios de Violência Contra a Mulher – Pontuações das Afirmativas

Bloco I – Violência Moral

Objetivos: Identificar se há indícios de violência moral, através de condutas que configurem calúnia, difamação ou injúria.

1. Ele(a) me acusa de traição, mesmo quando não há motivos para isso. (Valor: 04)
2. Ele(a) fala sobre minha conduta para mim e para outras pessoas, faz críticas mentirosas, me expõe e critica. (Valor: 04)
3. Ele(a) usa xingamentos para me rebaixar. (Valor: 04)
4. Ele(a) me desvaloriza e me humilha pelo modo que me visto, modo de falar ou agir. (Valor: 04)

Bloco II – Violência Patrimonial

Objetivos: Identificar se há indícios de violência patrimonial, através de condutas que configurem retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.

5. Ele(a) controla meu dinheiro, me impede de comprar coisas que necessito. (Valor: 04)
6. Ele(a) retém meus documentos e pertences pessoais. (Valor: 04)
7. Ele(a) estraga meus bens (documentos e pertences pessoais) para me punir. (Valor: 04)
8. Ele(a) ameaça me expulsar de casa, caso eu o contrarie. (Valor: 04)

Bloco III – Violência Psicológica

Objetivos: Identificar se há indícios de violência psicológica considerada qualquer conduta que: cause dano emocional e diminuição da autoestima; prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da mulher; ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões.

9. Ele(a) me humilha, ridiculariza e constrange. (Valor: 04)
10. Ele(a) me manipula, chantageia e coage para eu agir conforme sua vontade. (Valor: 04)
11. Ele(a) me isola de meus familiares e amigos, me impede estudar, viajar e de conversar com outras pessoas. (Valor: 05)
12. Ele(a) distorce os fatos para me deixar em dúvida sobre minha memória e saúde mental. (Valor: 04)

Bloco IV – Violência Sexual

Objetivos: Identificar se há indícios de violência sexual, trata-se de qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força.

13. Ele(a) me obriga a manter relações sexuais contra minha vontade. (Valor: 05)
14. Ele(a) me obriga a praticar atos sexuais que me causam repulsa ou desconforto (exemplo: sexo oral, sexo anal). (Valor: 10)
15. Ele(a) me impede ou se nega a usar métodos anticoncepcionais (preservativo, pílula anticoncepcional, DIU). (Valor: 05)
16. Ele(a) ri ou zomba da minha sexualidade ou do meu corpo, faz declarações ofensivas, insultantes ou xingamentos em relação às minhas preferências / comportamentos sexuais. (Valor: 05)

Bloco V – Violência Física

Objetivos: Identificar se há indícios de violência física, configurada como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher.

17. Ele(a) me causou machucados, ferimentos, queimaduras. (Valor: 10)
18. Ele(a) jogou objetos em mim, com a intenção de me atingir e machucar. (Valor: 10)
19. Ele(a) ameaçou me matar. (Valor: 15)
20. Ele(a) tentou tirar minha vida. (Valor: 20)

Classificação de risco:	Pontuação:
Sem indícios de risco	0
Baixo índice de risco	Até 09 pontos
Médio índice de risco	De 10 à 19 pontos
Alto índice de risco	Acima de 20 pontos

APÊNDICE IV– Textos que integram o *App SouMulher*

Manifestações da Violência

Violência não é só agressão física, existem muitas formas que ele pode te machucar, palavras, ofensas, gestos que ferem tanto ou mais que um tapa. Segundo a Lei Maria da Penha há cinco formas que a violência pode se manifestar, são elas:

Violência física: qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal. É praticada com uso de força física do agressor ou ainda com o uso de armas. Por exemplo: Tapas, empurrões, chutes...

Violência psicológica: qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da sua autoestima, nesse tipo de violência é muito comum a mulher ser proibida de trabalhar, estudar, sair de casa, ou viajar, falar com amigos ou parentes.

Violência sexual: a violência sexual é caracterizada como qualquer conduta que constranja a mulher a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada; quando a mulher é obrigada a se prostituir, abortar, usar anticoncepcionais (pílula, preservativo, DIU) contra sua vontade ou quando sofre assédio sexual, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força. **Violência patrimonial:** qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.

Violência moral: qualquer conduta que importe em calúnia, ou seja, quando o agressor ou agressora afirma falsamente que aquela praticou crime que ela não cometeu; difamação, que se configura quando o agressor atribui à mulher fatos que maculem sua reputação; ou injúria, situação de ofensa à dignidade da mulher (BRASIL, 2006).

Ele Não Vai Mudar

Sim, você é uma mulher incrível! Qualquer pessoa ao seu lado teria de muita sorte. E não, o problema não é você.

O problema é ele(a) que te diminui, te ofende, de machuca. Não importa quantas vezes ele(a) prometa que foi a última vez, não foi! Ele(a) não vai mudar.

Amor não é...

Amor não é controle

Amor não é exigir que você mude

Amor não é instável

Amor não é o que faz você se sentir insegura

Amor não é te afastar de seus amigos, te impedir de viajar, estudar, sair e sonhar.

O nome disso tudo é posse! E você não é um objeto para ser possuída!

O tabu do felizes para sempre

Você também sempre sonhou com o felizes para sempre? Pois é, fomos ensinadas dessa forma, nossos contos terminavam assim, com essa esperança que depois de

algumas – ou muitas – adversidades nosso mundo mudaria de cor e a felicidade seria plena e constante.

Você também aprendeu que um relacionamento que dá certo, não tem fim, e que se tem é porque você errou.

Mas a felicidade muitas vezes só é possível após o fim, após aceitar – mesmo doendo – que aquilo que idealizamos não é real. Que o príncipe é o vilão. E que só há uma forma de ser salva... salvando-se a si mesma.

Será que o problema não sou eu?

Você lembra daquela vez que desconfiou de si mesma? Que se perguntou será que estou sendo injusta? Será não estou mesmo ficando louca? Exagerando? Afinal não fui eu que provoquei?

Não e Não! Não para todas essas perguntas.

Esse jeitinho dele(a) te fazer acreditar que o problema talvez seja você é somente uma arma para te desestabilizar. Fazer você crer que ele(a) é vítima é uma estratégia de controle. Então sempre que começar a questionar a si mesma, lembre-se que Não! Não dê a ele(a) o direito de te manipular.

Ele te trata mal, mas não sempre.

Sim ele te trata mal, mas é só as vezes. Depois ele(a) se arrepende e vira o mundo para te agradar.

Você pode dizer *“Ah... Se você soubesse como ele me trata quando estamos bem...”*

Sim, eu entendo você, tem momentos ao lado dele(a) que são bons, que te fazem acreditar que a violência não voltará a acontecer. E isso tem um nome é o ciclo da violência também chamado de ciclo da Lua de mel.

Aposto que ele se esforçou para te conquistar, fez com que você se sentisse a mais especial, mas aos poucos te afastou dos amigos, começou a gerar em você alguma insegurança, e então quando percebeu sua vulnerabilidade “atacou” seja com palavras, gestos, ameaças, seja num rompante de raiva ou ciúme, ou até te ignorando. E isso doeu, doeu tanto que você pensou em desistir, e ele percebeu e voltou então a fase da conquista. Com bem menos empenho, afinal você já o ama.

Esse ciclo então se repete, mas os momentos bons são cada vez mais curtos e a fase ruim se prolonga e a violência se agrava.

Ele nunca vai sair desse padrão, é você precisa dar um basta.

Um pouco de amor não vale a pena

Viver de migalhas não é o suficiente, pois enfraquece.

Apenas um golinho de água, não mata a sede.

Um pouco de amor não vale a pena, te enfraquece e te deixa seco.

Violência.. Mata

Toda violência gera um fim, a morte.

A violência mata nossos sonhos, nossa esperança.

Ela nos tira as forças, nos faz acreditar que somos fracas.

Apaga o brilho dos nossos olhos.
E muitas vezes mata nossa vontade de viver.

...

A violência precisa ser combatida, ela não pode ser o nosso fim.
Ela não pode ser o seu fim!

Sofro violência, e agora?

Hey! Se algo que você leu, ou então se o seu resultado do questionário apontou que você pode estar sendo vítima de violência é hora de falarmos de decisão.

Você precisa tomar uma decisão, aceitar que você está sendo vítima de violência é o primeiro passo para deixar de ser, e se tornar protagonista de sua história.

Você não precisa e nem deve enfrentar isso tudo sozinha, há pessoas ao seu redor esperando uma abertura para ajudá-la. Talvez seja aquela sua amiga, de quem se distanciou. Outras vezes é a sua família, que você chegou a acreditar que não queria o seu bem.

Você também precisa de ajuda profissional.

Há equipes especializadas nos atendimentos à mulheres vítimas de violência, em seu município você pode procurar pelo CREAS ou até o CRAS. Em sua UBS também há pessoas que podem apoiá-la neste momento.

Se sentir necessidade acione a polícia, eles têm a missão de protegê-la.

Por meio da delegacia de polícia você pode ter acesso a direitos, respaldados na Lei Maria da Penha, para se sentir segura para enfrentar suas decisões.

Por meio do Disque 180, é possível entrar em contato com a Central de Atendimento à Mulher que presta uma escuta e acolhida qualificada às mulheres em situação de violência.

Não tenha vergonha de contar aos outros o que se passa, você é capaz de enfrentar tudo isso, mas aposto que será mais fácil se puder caminhar ao lado daqueles que te querem bem.

APÊNDICE V – Capítulo de Livro

CAPÍTULO 11

INSTRUMENTOS PARA IDENTIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UMA REVISÃO RÁPIDA DE LITERATURA

Mariana Lucht Carneiro Abi, Programa de Pós-graduação em Promoção da Saúde, Centro Universitário Guairacá.

Deoclécio Rocco Gruppi, Programa de Pós-graduação em Promoção da Saúde, Centro Universitário Guairacá.

RESUMO

As violências contra a mulher possuem diversas manifestações, sendo algumas visíveis – física, sexual - e outras não visíveis – psicológica, moral, patrimonial -, e elas precisam ser combatidas, para isso, é necessário meios de rastreio que as identifiquem. **Objetivo:** revisar a literatura científica de maneira sistemática - rápida para verificar estudos que fizeram uso de escalas, protocolos ou questionários para o rastreio de violências contra as mulheres. **Métodos:** A seleção dos artigos contou com as recomendações do modelo PICOS para definição dos critérios de inclusão. As bases de dados pesquisadas foram PubMed, Scielo e Lilacs, as palavras-chaves utilizadas foram: violência contra a mulher e escalas, em português e inglês. **Resultados:** Foram encontrados na literatura 149 artigos, desses apenas 8 foram selecionados para compor o estudo. Os 8 estudos analisados apresentam meios de rastreio, sendo que apenas em um deles se objetiva a identificar as formas de manifestação das violências. **Conclusão:** O uso de ferramentas de reconhecimento de violência contra a mulher agrega valor ao processo profissional que as utiliza, pois muitas vezes as próprias vítimas têm dificuldade em se perceberem como tal. Podendo contribuir ao profissional bases para nortear suas ações sobre o atendimento ofertado e encaminhamentos de ordem judiciais necessários. **PALAVRAS-CHAVE:** Violência; Mulher; Rastreio; Identificação; Escala.

INTRODUÇÃO

Falar sobre violência contra a mulher tem se tornado a cada dia algo mais frequente, principalmente após as criações de leis que as amparam, porém a violência ainda está associada ao ato físico e as demais violências passam “despercebidas” até pela própria vítima. Conforme BRASIL (2006) a violência pode ser apresentada através de ameaças, constrangimentos, humilhações, manipulações, perseguição, insultos e isolando a vítima, coibindo-a de manter relações com amigos e familiares. Estas violências por muitos anos foram consideradas aceitáveis, em detrimento do contexto histórico de supremacia masculina, e atualmente carregam-se ainda resquícios dessa compreensão e isso pode ser percebido tanto no autor da agressão, quanto na vítima e na sociedade em geral (Mapa da Violência, 2018). Sendo assim, percebe-se a necessidade de trabalhar na finalidade de difundir conhecimentos sobre as violências contra



as mulheres e de ser desenvolvido um instrumento que contribua na identificação das violências, a fim de que, posteriormente, permita-se que saiam do papel de vítimas, tornando-se protagonistas de suas histórias.

Através da experiência profissional de atendimento à mulheres vítimas de violência observa-se que majoritariamente as mulheres atendidas são vítimas de agressões físicas, que acessam o serviço após a realização de Boletim de Ocorrência, sendo que não há procura espontânea de mulheres aos serviços de atendimento. Isso nos revela duas situações: a primeira, que quando se pensa em violência, há uma tendência a se pensar em situações mais críticas, tende-se a pensar em violência como agressões físicas, e são justamente as violências veladas as mais difíceis de serem identificadas e reconhecidas; a segunda, é que há pouca divulgação dos serviços que atendem mulheres vítimas de violência, restringindo-se a encaminhamentos feitos por parte dos Serviços de Garantia de Direitos (**Valdez-Santiago; Ruiz-Rodriguez, 2009**). Por tais razões, percebe-se a necessidade de difundir informações sobre as diversas faces da violência e sobre como identificá-las.

Isto posto, é necessário conhecer quais estratégias de rastreamento são utilizadas a nível nacional e internacional para identificar violências contra a mulher, sejam escalas, questionários ou protocolos que viabilizem o reconhecimento da violência para que, a partir disso, se possa compreender a estrutura de atendimento das políticas públicas às mulheres vítimas de violência e identificar em quais circunstâncias as mulheres acessam as políticas públicas. Tudo isso, com o intuito de se pensar a necessidade de ofertar meios alternativos de acesso às mulheres vítimas de violência, aos serviços públicos de atendimento, a fim de atingir maior número de mulheres nessa condição.

REFERENCIAL TEÓRICO

A violência é caracterizada como um fenômeno histórico-social que se manifesta através de diversas faces que podem interligar-se às estruturas sociais, econômicas, políticas, culturais e comportamentais. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência pode ser definida como “uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa, um grupo ou comunidade, que resulte ou possa resultar em lesão, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação” (OMS, 2002). Observa-se que a definição dada pela OMS associa intencionalidade com a realização do ato, independentemente de qual resultado é produzido pela ação. Algumas práticas, como a violência contra a mulher,

foram considerados culturalmente aceitáveis, mas evidentemente são considerados atos violentos com importantes efeitos na saúde da vítima (DAHLBERG; KRUG,2007).

Brasil (2006), através da Lei Maria da Penha define a violência contra a mulher como qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado. As violências podem ou não deixar marcas visuais, mas tal característica não determina o grau do prejuízo ou do dano causado à vítima. As manifestações de violência podem ser compreendidas em cinco expressões:

Violência física (visual): entendida como qualquer conduta que ofenda integridade ou saúde corporal da mulher. É praticada com uso de força física do agressor ou ainda com o uso de armas.

Violência psicológica (não-visual): qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima da mulher, nesse tipo de violência é muito comum a mulher ser proibida de trabalhar, estudar, sair de casa, ou viajar, falar com amigos ou parentes.

Violência sexual (visual): a violência sexual é caracterizada como qualquer conduta que constranja a mulher a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada; quando a mulher é obrigada a se prostituir, fazer aborto, usar anticoncepcionais contra sua vontade ou quando sofre assédio sexual, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força.

Violência patrimonial (visual/não visual): qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de objetos pertencentes à mulher, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.

Violência moral (não-visual): qualquer conduta que importe em calúnia, ou seja, quando o agressor ou agressora afirma falsamente que aquela praticou crime que ela não cometeu; difamação, que se configura quando o agressor atribui à mulher fatos que maculem sua reputação; ou injúria, situação de ofensa à dignidade da mulher (BRASIL, 2006).

A violência contra a mulher pode, portanto, ser compreendida como uma forma de restringir sua liberdade, reprimindo-a e ofendendo-a, física ou moralmente. Importante expor que a própria terminologia “violência contra a mulher” foi criada por ser uma violência dirigida contra pessoa do gênero feminino, apenas em razão de ser mulher. Essa expressão denota a intimidação da mulher pelo homem, como seu agressor, dominador e disciplinador (Teles;

Melo, 2017). Apesar disso, entende-se que os atos de violência contra a mulher podem ser praticados independentemente do sexo ou gênero do agressor.

O estudo das violências contra a mulher é recente, de apenas algumas décadas, mas conduz a uma mudança da definição do problema, da concepção dos instrumentos e da metodologia para a sua medição. Neste contexto, vários instrumentos de medição de violência sofreram desenvolvimentos, muitos deles foram amplamente criticados por partir de uma conceituação que não considera a violência por parceiro íntimo como violência de gênero contra a mulher, mas sim como expressão dos conflitos que ocorrem no seio da família, ocultando as dimensões de gênero e poder que lhe estão subjacentes (VALDEZ-SANTIAGO, 2006).

METODOLOGIA

Na primeira etapa o processo envolveu uma revisão sobre as definições das diversas manifestações de violência contra a mulher. A partir disso, buscou-se instrumentos que identificassem violência doméstica, íntima ou familiar contra a mulher, e que determinassem a forma como a violência é manifestada. Posteriormente, o procedimento metodológico utilizado foi a revisão sistemática de literatura, a qual pode ser caracterizada como uma metodologia de pesquisa com rigor científico e de grande transparência, tendo por finalidade minimizar o enviesamento da literatura. Para tanto realiza-se uma revisão exaustiva dos textos publicados sobre o tema em questão, garantindo a qualidade das fontes e aumentando a credibilidade da pesquisa (RAMOS; FARIA; FARIA 2014).

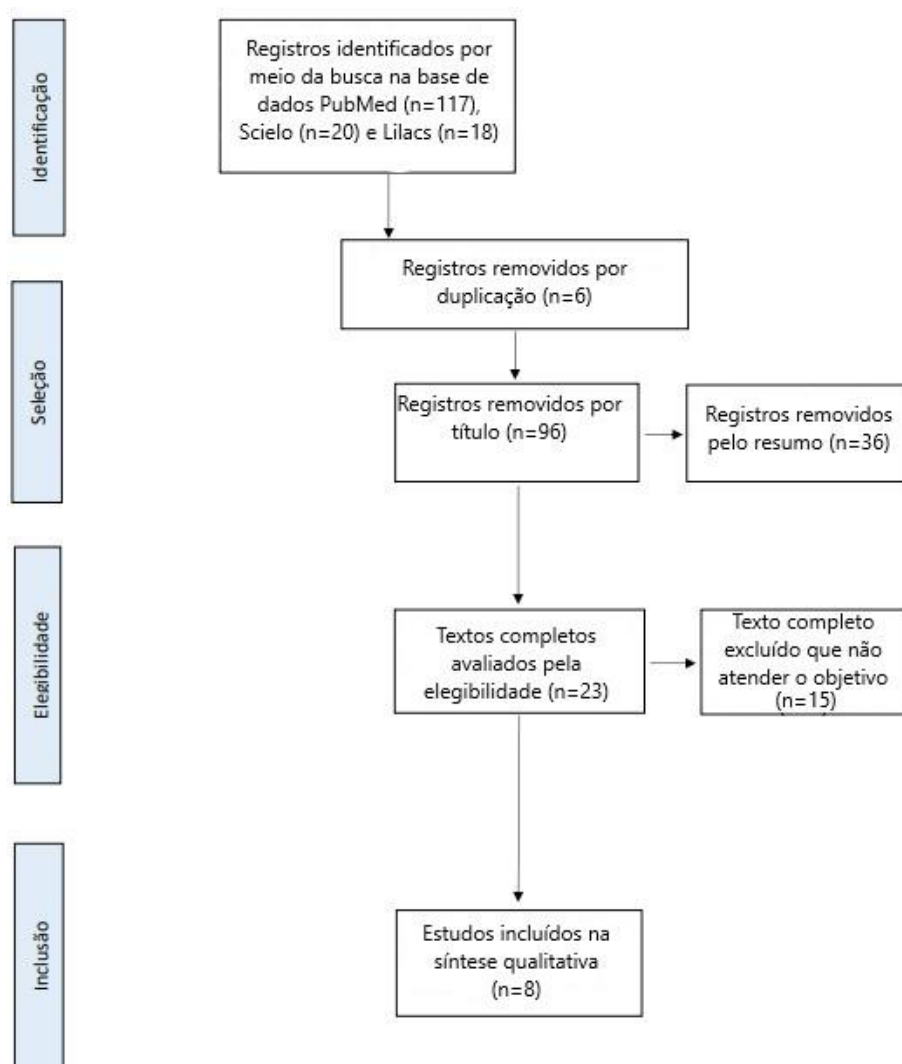
Através da revisão sistemática de literatura científica verificou-se o material publicado sobre violências contra a mulher. O modelo PICOS foi utilizado para definição dos critérios de inclusão, conforme descritos no Quadro 1. As bases de dados pesquisadas foram PubMed, Scielo e Lilacs, as palavras-chaves utilizadas foram: violência contra a mulher e escalas, em português e inglês. A seleção final contou com artigos que apresentaram conteúdos sobre as violências que atingem mulheres e que usam escalas e questionários para rastreamento e mensuração das violências. As palavras-chave foram combinadas com os operadores Booleanos “AND” e “AND NOT”. A busca foi realizada em maio de 2021.

Tabela 1. Estratégia PICOS do presente estudo.

População (P)	Mulheres, de todas as idades, que sofreram violências por ser mulher.
Intervenção (I)	Estudos que contenham questionários, escalas ou protocolos de identificação de violência contra a mulher.
Comparação (C)	Estudos que compararam diferentes formas de violência contra a mulher.
Resultado (O)	Respostas das variáveis analisadas, exceto trabalhos com enfoque judicial ou que não contenham questionários, escalas ou protocolos para identificação de violência contra a mulher.

Os artigos foram selecionados pelo título, resumo e relevância para o objetivo do estudo. Os critérios de exclusão foram: artigos em duplicata, que tivessem enfoque judiciário, que não contivessem questionários, escalas ou protocolos para identificação de violência e artigos publicados a mais de cinco anos. O processo de pesquisa dos artigos incluídos nessa revisão sistemática encontra-se apresentado na Figura 1. Foram encontrados na literatura 149 artigos, desses apenas 8 foram selecionados para compor o estudo.

Figura 1. Processo de seleção dos artigos



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira busca obteve um resultado de 155 artigos. Destes, 132 foram excluídos após a leitura do título e resumo, restando 23. Desses 23, foram eliminados 15 estudos após a leitura na íntegra do manuscrito, restando assim 8 artigos para a inclusão final, conforme Tabela 2.

Tabela 2. Descrição dos artigos selecionados

Autor (ano)	País	Título	Ferramenta avaliação / Escala / Protocolo	Resultados / Discussão / Aporte final
Fernanda Robert de Carvalho Santos Silva*; Elisa Medici Pizão Yoshida**	Brasil	Questionário de Relacionamento Central 6.0 - CRQ 6.0: estudo exploratório de validade com mulheres vítimas de violência	Questionário de Relacionamento Central - CRQ 6.0	O CRQ 6.0 avalia o padrão de relacionamento segundo três componentes: desejos (D); respostas do outro (RO); respostas do eu (RE). Participaram 32 mulheres, vítimas de violência (G1) e 22 mulheres em maternidade (G2). Todas responderam ao CRQ 6.0 e à Escala de Avaliação de Sintomas-40 /EAS-40. Apenas o componente D apresentou boa consistência interna O CRQ 6.0 correlacionou-se com dimensões da EAS-40 e escore total em G1, mas não em G2. O CRQ 6.0 não discriminou os dois grupos amostrais. A EAS-40 apresentou boa consistência interna e escores significativamente mais altos para G1, comparados a G2.
Martha Híjar ₁ Leticia Avila- Burgos ₂ Rosario Valdez- Santiago ₁	México	¿Cuándo utilizan servicios de salud las mujeres que viven en condiciones de violencia de pareja?	Escala de 27 reactivos (23). Esta escala explora los distintos tipos de violencia: psicológica o	El uso de los servicios de salud por mujeres que han sido lesionadas a consecuencia de la violencia de pareja es bajo y, en la mayoría de los casos, está supeditado a la gravedad de

			emocional, sexual y física. (Criada pelos autores)	las lesiones físicas sufridas. A lo anterior se agrega que el personal de salud únicamente atiende la causa que motivó la demanda, y por su parte la usuaria no confía en éste. Todo lo anterior dificulta la detección y notificación de este problema, por lo que la aplicación de la Norma Oficial para la Atención Médica de la Violencia Familiar enfrenta serias limitaciones que obligan a buscar nuevas estrategias que rebasen el ámbito de los servicios de salud.
Eva Ma. Rodríguez**, Martha Romero Mendoza**, Ana Durand-Smith**, Eduardo Colmenares Bermúdez**, Gabriela Saldívar Hernández**	México	EXPERIENCIAS DE VIOLENCIA FÍSICA EJERCIDA POR LA PAREJA EN LAS MUJERES EN RECLUSIÓN	Se utilizó un instrumento diseñado ex profeso, el cual consiste de una entrevista semi-estructurada con 242 preguntas que abarca las siguientes 23 áreas de la vida de las mujeres entrevistadas	De las 213 mujeres entrevistadas, 161 señalaron haber sufrido violencia por parte de su pareja. Respecto al número de actos violentos de que habían sido objeto, en rango de 1 a 5 fue el 29.2% (cuadro 2), de 6 a 10, 23.4% y de 11 a 17, el 23.4%
Rosario Valdez-Santiago, M en Antrop ^I ; Martha C Híjar-Medina,	México	Escala de violencia e índice de severidad: una propuesta	Escala de Violencia (EV)	La escala de violencia desarrollada demostró ser un instrumento útil y confiable para medir la violencia



PhD ^I ; V Nelly Salgado de Snyder, PhD ^I ; Leonor Rivera-Rivera, M en C ^I ; Leticia Avila-Burgos, D en Econ ^{II} ; Rosalba Rojas, PhD ^{III}		metodológica para medir la violencia de pareja en mujeres mexicanas		masculina ejercida en las relaciones de pareja. Así entonces, se sugiere ampliar su uso en otras mediciones nacionales y locales para permitir la comparación posterior de los resultados.
<u>Valdez-Santiago, Rosario; Juárez-Ramírez, Clara; Salgado-de Snyder, V. Nelly; Agoff, Carolina; Avila-Burgos, Leticia; Híjar, Martha C.</u>	México	Violencia de género y otros factores asociados a la salud emocional de las usuarias del sector salud em México	Escala de Salud Personal (ESP)	El predictor más importante del malestar emocional entre las usuarias del sector salud fue sufrir la violencia de pareja, sobre todo cuando ésta es severa, seguida de la violencia en la niñez.
<u>Güliz Onat</u>	Turquia	Development of a scale for determining violence against infertile women: a scale development study	Infertile Women's Exposure to Violence Determination Scale	The scale called "Infertile Women's Exposure to Violence Determination Scale" indicates high reliability, good content and construct validity. Routine screening for domestic violence in infertility clinics is necessary to give affected women an opportunity to access appropriate health care and support services.



<p>Anuradha Paranjape,1 Michael Rodríguez,2 John Gaughan,1 and Nadine J. Kaslow3</p>	<p>Estados Unidos</p>	<p>Psychometric properties of a new scale to assess family violence in older African American women: The Family Violence Against Older Women (FVOW) Scale</p>	<p>Violence Against Older Women (FVOW) Scale</p>	<p>This article reports the development and psychometrics of the Family Violence in Older African American Women Scale, a comprehensive scale to measure family violence in older women. The scale demonstrates two distinct factors: (a) “Abuse” and (b) “Caregiving Failure,” which measure abusive behaviors in the context of a family relationship and caring for older women, respectively.</p>
<p><u>Navarro-Guzmán, Capilla; Ferrer-Pérez, Victoria Aurora; Bosch-Fiol, Esperanza.</u></p>		<p>El acoso sexual en el ámbito universitario: análisis de una escala de medida</p>	<p>Escala de acoso sexual e interacción social de contenido sexual en el ámbito universitario (EASIS-U)</p>	<p>Se diseñó un cuestionario para el estudio de sus componentes que incluye 38 ítems que describen diferentes comportamientos de interacción social de contenido sexual y de acoso sexual. El instrumento fue administrado a 1693 personas (1521 estudiantes y 172 miembros del personal) de una universidad española. Los resultados indican que el cuestionario está constituido por cuatro factores que explican el 61.81 % de la varianza total y evalúan comportamientos de chantaje sexual (Escala 1), acoso sexual de componente verbal (Escala 2) y físico (Escala 3)</p>



				e interacción social de contenido sexual (Escala 4) en el ámbito académico, con datos de consistencia interna favorables (a entre 0.962 y 0.775).
--	--	--	--	---

Os estudos selecionados possuem escalas ou questionários que podem ser usados na identificação de violências contra a mulher. Cada um deles foi usado ou desenvolvido para a finalidade proposta pelos autores, sendo que cinco deles tratam-se de escalas já usadas para outros fins, e três criados pelos autores, de acordo com a finalidade.

Silva e Yoshida (2009) apresentam que os resultados obtidos através da escala não confirmaram a expectativa teórica de que mulheres vítimas de violência apresentariam maior intensidade no conflito do relacionamento com o parceiro amoroso, se comparadas a mulheres que não haviam passado por episódios de violência. Logo, para a finalidade esperada a escala não logra êxito.

Já os resultados obtidos através da escala dos autores Hajar, Avila, Valdez- Santiago (2006) demonstram que há um grupo de mulheres mais vulneráveis que não recorrem aos serviços de saúde frente à agressões e abusos sofridos, mas que o questionário aplicado através dos funcionários da serviço de saúde é capaz de rastrear a violência, embora esteja mais focado às violências visíveis, como física e sexual.

Rodriguez et. al. (2006) utilizaram um instrumento elaborado para o estudo, que consistia em uma entrevista semiestruturada com 242 questões que abrangiam diversas áreas da vida das mulheres entrevistadas, foi observado que a frequência de violência sofrida pelo grupo de mulheres na prisão foi maior do que a documentada em outros estudos. Logo o questionário foi adequado para a obtenção dos resultados esperados.

Valdez-Santiago et. al. (2006) desenvolveu a Escala de Violência (EV), que consiste na análise de um padrão repetitivo de maus-tratos do parceiro masculino à mulher, caracterizado por uma série de comportamentos coercitivos que podem incluir: a) violência física; b) violência emocional; c) violência sexual; d) violência econômica. O objetivo do EV era medir os níveis de gravidade de cada tipo de violência explorado no estudo. O EV incorpora 27 itens selecionados a partir de dois instrumentos que se mostraram úteis para mensurar a violência



masculina contra a mulher no relacionamento, a saber: o Índice de Abuso Cônjuge (ISA) 5 e a Escala de Gravidade da Violência Contra a Mulher (SVAWS), esta última elaborada por Marshall em 1992.⁷ Além disso, dois itens foram incluídos para explorar a violência econômica. O EV é composto por quatro subescalas que medem a frequência de ações violentas nos últimos 12 meses (1 = nunca, 2 = alguma vez, 3 = várias vezes e 4 = muitas vezes). A escala mostrou-se válida para o rastreamento de violências contra a mulher, sendo apontado pelos autores a necessidade de se ampliar as investigações para determinar a violência econômica, visto que foram incluídos apenas dois itens na EV para a identificação da violência.

Em outro estudo de Valdez-Santiago et. al. (2006), foi utilizado a Escala de Salud Personal (ESP) para observar que mulheres vítimas de violência estavam mais expostas a altos índices de sofrimento emocional, sugerindo a utilização de ferramentas de rastreamento de violência nos serviços de saúde. Logo percebe-se que a finalidade da escala Escala de Salud Personal (ESP) não é identificar violência, sendo necessário o uso de outros meios para o seu rastreamento.

Güliz Onat (2014) determina que a “Infertile Women’s Exposure to Violence Determination Scale” composta por cinco subescalas, indica alta confiabilidade, bom conteúdo e validade de construto, quando usada na realidade estudada.

Já os estudos de Paranjape; Rodríguez, Gaughan e Kaslow (2009) pretendia observar que a escala The Family Violence Against Older Women (FVOW) Scale cumpre o objetivo no rastreamento de violências diversas em mulheres idosas, sendo dividido em duas modalidades abuso e falha no cuidado.

A Escala de acoso sexual e interacción social de contenido sexual en el ámbito universitario (EASIS-U), foi elaborada a partir de um questionário que inclui 38 itens que descrevem diferentes comportamentos de interação social com conteúdo sexual e assédio sexual. Como o nome expõe, o objetivo está restrito ao rastreamento de violências sexuais (NAVARRO-GUZMÁN; FERRER- PÉREZ; BOSCH-FIOL, 2016).

Estes dois últimos estudos mostrados desviam-se do objetivo proposto, porém foram mantidos pela relevância que apresentaram em suas realidades pautados nas realidades em que foram aplicados.

Inobstantes os estudos das escalas e questionário em sua maioria lograrem êxito na finalidade proposta, observou-se que apenas um deles apresentam qual a manifestação da violência sofrida pela mulher.

Isso revela a necessidade de serem aprimorados os estudos voltados ao rastreamento das formas de manifestação de violências às mulheres, e de ser desenvolvido na realidade brasileira instrumentos que possibilitem o acesso a estas informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As consequências da violência sofrida pelas mulheres são graves, e necessitam de divulgação e combate para que a procura por parte das vítimas aos serviços de saúde e assistência social sejam cada vez mais frequentes. Com relação ao enfrentamento da violência contra as mulheres no Brasil, é possível apontar iniciativas governamentais para enfrentar o problema, mas evidencia-se a necessidade de se ampliar e aprimorar os estudos neste sentido, principalmente na criação e desenvolvimentos de meios validados no Brasil para o rastreamento das violências, levando em conta a realidade sócio-histórica nacional.

Considerando estas informações, evidencia-se também a necessidade da realização de mais pesquisas com o intuito de analisar os aspectos subjetivos, que circundam as manifestações das violências, compreender como as mulheres percebem estas manifestações, permitindo que elas a ressignifiquem no intuito de se perceberem protagonistas no processo de enfrentamento da violência.

Apesar do notado aumento no desenvolvimento de instrumentos de investigação e rastreamento de violências contra a mulher, direcionados para as diversas manifestações das violências sendo elas visuais ou não visuais, ainda carece de ampliação e divulgação destes meios. O uso de ferramentas de rastreamento de violência agrega valor ao processo decisório do profissional que as utiliza, ajudando-o a nortear sua atuação, bem como a subsidiar encaminhamentos necessários na esfera judicial.

É importante destacar que em busca em bases de dados "Google" encontra-se em âmbito nacional opções de estratégias de rastreamento, como o Formulário Nacional de Avaliação de Risco (SOMMARIVA; HUGILL, 2020), o Formulário de Risk Assessment (LISBOA; TEIXEIRA; PASINATO, 2019), entre outras opções não científicas. Isso mostra uma importante movimentação em busca de levar a identificação das violências para mais perto da sociedade em geral. Portanto é importante alinhar estas estratégias ao conhecimento técnico científico para validar e profissionalizar seus usos. É necessário somar forças para poder combater algo tão enraizado em nossa sociedade, como a violência contra as mulheres.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 11.340/2006: Lei Maria da Penha de 7 de agosto de 2006* Brasília: Senado, 2006. Disponível em: Acessado em: 10/07/2021

DAHLBERG, Linda L. and KRUG, Etienne G. *Violência: um problema global de saúde pública. Ciência & Saúde Coletiva*. 11(sup) 1163-1178, 2007. Acessado em: 10/07/2021 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/jGnr6ZsLtwkhvdkrdfhpcdw/?format=pdf&lang=pt>

HIJAR, Martha; AVILA-BURGOS, Leticia; VALDEZ-SANTIAGO, Rosario. ¿Cuándo utilizan servicios de salud las mujeres que viven en condiciones de violencia de pareja?. **Salud Ment**, México, v. 29, n. 6, p. 57-64, dic. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-33252006000600057&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 10/07/2021

LISBOA, Manuel; TEIXEIRA, Ana Lúcia; PASINATO, Wânia. Formulário de Risk Assessment para o CNVD: um instrumento para o enfrentamento da violência doméstica contra a mulher. *Diálogos União Europeia – Brasil*. 2019. Disponível em: <<http://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2019/04/Formulario-de-Risco-para-o-CNVD-Relato%CC%81rio-final-1-pdf.pdf>> Acessado em: 13/07/2021

MAPA da violência 2018. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/comissao-de-defesa-dos-direitos-da-mulher-cmulher/arquivos-de-audio-e-video/MapadaViolenciaatualizado200219.pdf> Acesso em: 10/07/2021

NAVARRO-GUZMÁN, Capilla. FERRER- PÉREZ, Victoria Aurora. BOSCH-FIOL, Esperanza. El acoso sexual en el ámbito universitario: análisis de una escala de medida. *Universitas Psychologica*, vol. 15, núm. 2, pp. 15-25, 2016. Pontificia Universidad Javeriana. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/647/64748716022/html/>> Acessado em: 11/07/2021

ONAT, Güliz. “Development of a scale for determining violence against infertile women: a scale development study.” *Reproductive health* vol. 11, 18. 28 Feb. 2014. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4122111/>> Acessado em: 11/07/2021

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *World report on violence and health* Genebra (SWT): OMS, 2002.

PARANJAPE, Anuradha. RODRÍGUEZ, Michael. GAUGHAN, John. KASLOW, Nadine J. Psychometric Properties of a New Scale to Assess Family Violence in Older African American Women: The Family Violence Against Older Women (FVOW) Scale. *Violence Against Women* 2009 15:1213. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/26770281_Psychometric_Properties_of_a_New_Scale_to_Assess_Family_Violence_in_Older_African_American_Women_The_Family_Violence_Against_Older_Women_FVOW_Scale> Acessado em 11/07/2021

RAMOS, Altina; FARIA, Paulo M.; FARIA, Âdila. Revisão sistemática de literatura: contributo para a inovação na investigação em Ciências da Educação. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/elian/AppData/Local/Temp/2269-3739-1-SM.pdf> Acessado em: 05 de maio de 2021.

RODRIGUEZ, Eva Ma. et al . Experiencias de violencia física ejercida por la pareja en las mujeres en reclusión. **Salud Ment**, México, v. 29,n. 2,p. 59-67, abr. 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-33252006000200059&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 11/07/2021.

SILVA, Fernanda Robert de Carvalho Santos; YOSHIDA, Elisa Medici Pizão. Questionário de Relacionamento Central 6.0 - CRQ 6.0: estudo exploratório de validade com mulheres vítimas de violência. **Aval. psicol.**, Porto Alegre , v. 8,n. 3,p. 405-414,dez. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 11/07/2021

SOMMARIVA, Salete Silva; HUGILL, Michelle de Souza Gomes. GÊNERO BATE À PORTA DO JUDICIÁRIO: Aplicando o Formulário Nacional de Avaliação de Risco. Edição Eletrônica. Florianópolis, 2020. Disponível: <<https://www.tjsc.jus.br/documents/715064/737057/E-book+G%C3%AAnero+bate+%C3%A0+porta+do+Judici%C3%A1rio/3c6a055a-2a75-7bb3-fb10-4a6e8fa9cb88>> Acessado em: 13/07/2021.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. O que é violência contra a mulher . Editora Brasiliense, 2017.

VALDEZ-SANTIAGO, Rosario et al . Escala de violencia e índice de severidad: una propuesta metodológica para medir la violencia de pareja en mujeres mexicanas. **Salud pública Méx**, Cuernavaca , v. 48,supl. 2,p. s221-s231, enero 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0036-36342006000800002&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 11/07/2021

VALDEZ-SANTIAGO, Rosario et al . Violencia de género y otros factores asociados a la salud emocional de las usuarias del sector salud en México. **Salud pública Méx**, Cuernavaca, v. 48,supl. 2,p. s250-s258, enero 2006 . Disponible en <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0036-36342006000800005&lng=es&nrm=iso>. Acessado em: 11/07/2021.

VALDEZ-SANTIAGO, R.; RUIZ-RODRIGUEZ, M. Violencia doméstica contra las mujeres: ¿cuándo y cómo surge como problema de salud pública? *Salud Pública de México*, v. 6, n. 51, p. 505-511, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0036-36342009000600009> Acessado em 10/07/2021